

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica**

Paranoia e alteridade: o duplo perseguidor

Daniel Pinho Senos de Jesus

2016



UFRJ

Paranoia e alteridade: o duplo perseguidor

Daniel Pinho Senos de Jesus

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Rio de Janeiro

Fevereiro/2016

Paranoia e alteridade: o duplo perseguidor

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Profa. Dr^a. Marta Rezende Cardoso

Profa. Dr^a. Fernanda Pacheco-Ferreira

Profa. Dr^a. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig

Rio de Janeiro
Fevereiro/2016

Jesus, Daniel Pinho Senos de

Paranoia e alteridade: o duplo perseguidor./Jesus, Daniel Pinho Senos de. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2016.

ix, 92 f.; 29,7 cm.

Orientadora: Marta Rezende Cardoso.

Dissertação (Mestrado) –UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2016.

Referências Bibliográficas: f. 90-92.

1. Paranoia. 2. Narcisismo. 3. Identificação. 4. Psicanálise. 5. Dissertação (Mestrado). I. Cardoso, Marta Rezende. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título

Dedicatória

Ao meu pai, exemplo incansável de determinação e amor à vida.

Agradecimentos

Ao meu pai Arthur Senos de Jesus, pelas grandes lições de vida.

À minha mãe Maria Salete Pinho Senos de Jesus (*in memoriam*), grande entusiasta da psicanálise.

À minha tia Vera Lucia da Silva Pinho, minha segunda mãe.

À Jacqueline de Andrade Loeser dos Santos, por responder à minha loucura pessoal com amor.

Aos meus grandes companheiros Fabio Alves e Matheus Saboia, pelas pernadas em rodas de samba e acolhimento em momentos de angústia.

À Regina Orth de Aragão, pelo empréstimo de seus valiosos livros, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

À Marta Rezende Cardoso, pela vigorosa orientação, transmissão e oportunidade de amadurecimento teórico.

Ao Pedro Henrique Bernardes Rondon, pela cuidadosa revisão.

Ao CNPq, pelo financiamento desta pesquisa.

Resumo

Paranoia e alteridade: o duplo perseguidor

Daniel Pinho Senos de Jesus

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

A paranoia, assim como a melancolia, desempenhou importante papel na genealogia e evolução dos conceitos de narcisismo e de identificação em Freud. Na presente dissertação, nosso objetivo é investigar a paranoia tendo como ferramenta teórica esses conceitos, considerando-os como eixos primordiais dessa patologia quanto às condições de sua determinação e desenvolvimento. Para elaborar esta investigação acerca da paranoia, concedemos especial destaque à relação existente entre o eu e o outro, numa perspectiva voltada para a dimensão de alteridade interna e de seus significativos desdobramentos no plano do encontro do sujeito com o objeto externo. Nesse campo vemos residir, de modo intenso e, no caso, com caráter delirante, um núcleo persecutório, traço dos mais marcantes nessa afecção psicopatológica.

A análise dos conceitos de narcisismo e de identificação, particularmente aquela de tipo narcísico, conduziu-nos à temática do “duplo”, possibilitando maior apreensão das possíveis falhas referentes à constituição narcísica, eixo que consideramos estar na base das defesas próprias à paranoia e dos mecanismos que garantem esse movimento defensivo, mais precisamente, a projeção.

Visando aprofundar as ideias desenvolvidas na pesquisa, buscamos, ao final, estabelecer alguns contrapontos entre a paranoia e outros quadros clínicos onde a problemática narcísica constitui elemento básico de análise, na tentativa, por meio de breve comparação com a melancolia e os estados limites, de fazermos ressaltar a singularidade da *sombra do outro* como ameaça ao ego, e que é objeto de projeção na paranoia, destino-limite de uma alteridade inassimilável.

Palavras-chaves: Paranoia – Narcisismo – Identificação – Psicanálise – Dissertação (Mestrado).

Rio de Janeiro
Fevereiro/2016

Abstract

Paranoia and otherness: the double persecutor

Daniel Pinho Senos de Jesus

Tutor: Marta Rezende Cardoso

Abstract of the Dissertation presented to the Post-graduation Programme of Psychoanalytic Theory, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, as a part of the requisite for obtaining the Master's Degree in Psychoanalytic Theory.

Paranoia, as well as melancholia, played an important role in the genealogy and the evolution of the concepts of narcissism and identification in Freud. In this dissertation, we aim at investigating paranoia having as a theoretical tool these concepts, taking them as primary axes of this pathology in its conditions of determination and development. To elaborate this research about paranoia, we grant special attention to the relationship between the self and the other, with a view toward the dimension of internal otherness and its significant developments in the subject in the plan of meeting the external object. In this field we see intensely dwelling – and, in the case, with delusional character – one persecutory core, one of the most striking traits in this psychopathological condition.

The analysis of the concepts of narcissism and identification, particularly that of narcissistic type, led us to the theme of the "double", allowing a better grasping of possible shortcomings related to the narcissistic constitution, an axis we believe is in the basis of paranoia's own defenses and mechanisms that ensure this defensive move, more precisely, projection.

Aiming at deepening the ideas developed in the research, we ultimately seek to establish some counterpoints between paranoia and other conditions in which the narcissistic problematic is basic element of analysis in an attempt, through brief comparison with melancholia and borderline states, to emphasize the uniqueness of the *shadow of the other* as a threat to the ego, and that is object of projection in paranoia, ultimate target of an inassimilable otherness.

Keywords: Paranoia – Narcissism – Identification – Psychoanalysis – Dissertation (Master's Grade).

Rio de Janeiro
February/2016

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I <u>A</u> singularidade da resposta ao outro na paranoia: entre o fascínio e o ódio	13
I.1 – A projeção exacerbada: os primeiros escritos de Freud.....	13
I.2 – Schreber, feminilização e homossexualidade.....	17
I.3 – A função do ódio e a figura do perseguidor.....	24
I.4 – A cena primária e as falhas identificatórias.....	28
I.5 – O eu-historiador e a potencialidade psicótica.....	32
Capítulo II <u>A</u> problemática do narcisismo na paranoia.....	38
II.1 – O narcisismo antes de 1914.....	39
II.2 – A conceituação do narcisismo em 1914.....	44
II.2.1 – Identificação narcísica e sombra do objeto.....	50
II.3 – O duplo e alteridade.....	54
II.4 – O duplo transicional.....	57
Capítulo III <u>“A</u> sombra do outro” na paranoia: em contraponto com outras patologias narcísicas.....	62
III.1 – A melancolia e a paranoia.....	63
III.1.1 – Depressão e melancolia.....	63
III.1.2 – A dupla face do perseguidor: contraponto entre a paranoia e a melancolia.....	68
III.2 – Entre a servidão e a indiferenciação: estados limites e a paranoia.....	72
III.2.1 – Uma breve caracterização dos estados limites.....	72
III.2.2 – Alteridade e resposta ao outro na paranoia e nos estados limites.....	77
Considerações Finais.....	85
Referências Bibliográficas.....	90

Introdução

O interesse em iniciar uma investigação a respeito das falhas identificatórias que estariam na base de determinação da resposta ao outro na paranoia surgiu a partir da nossa experiência profissional com pacientes psicóticos. A gravidade que alguns casos apresentavam nos colocava diariamente diante de impasses a respeito do manejo clínico e da extremidade que certos atos podem assumir em quadros agudos.

A vivência institucional no Núcleo Casa Verde, amplamente influenciado pelo discurso psicanalítico e pela psicoterapia institucional francesa, nos propiciou contato com diversos quadros psicopatológicos que serviram como um primeiro disparador de questões a respeito da radicalidade das defesas no funcionamento psíquico da psicose. A intensidade da convivência diária com pacientes psicóticos que a instituição permitiu, assim como os diversos espaços abertos para a criação e reflexão junto aos pacientes, foram de extrema importância para nos instigarem a pesquisar formalmente a psicose paranoide.

Por outro lado, a experiência clínica tanto no consultório como na modalidade da clínica ampliada intitulada “acompanhamento terapêutico” favoreceram um contato maior com pacientes que apresentavam problemática paranoica. O acompanhamento terapêutico, assim como seu refinamento através das supervisões da condução clínica frente a essa problemática, nos permitiu observar de perto os mecanismos radicais da paranoia.

A psicanálise inaugura um entendimento singular da subjetividade do psicótico; a partir do entendimento de que o delírio seria uma tentativa de cura do sujeito psicótico, Freud rompe com a tradição psiquiátrica ao propor uma compreensão alternativa a um discurso outrora rotulado como mero desvio da razão. Com isso, para a psicanálise poderíamos inferir que o delírio – compreendido como resposta radical a um rompimento com a realidade – seria ainda uma saída, uma produção defensiva que permitiria uma mínima amarração ao psiquismo na psicose.

No que diz respeito ao discurso psicanalítico, a polêmica do atendimento a casos graves é bastante antiga. Embora a psicose, em especial a paranoia, ocupe um lugar de grande importância na construção de diversos conceitos da teoria psicanalítica, Freud em um de seus artigos técnicos, chega a desencorajar a utilização do método

psicanalítico em casos de psicose. Diversos discípulos desse autor contribuíram ao escrever trabalhos sobre a experiência clínica com psicóticos. Posteriormente os autores pós-freudianos se interessaram pelo estudo sistemático das psicoses e deixaram importantes contribuições a partir do “caldeirão da bruxa” freudiano, a metapsicologia, assim como inovações técnicas. Dessa forma, é possível detectar uma compreensão ampliada da psicose e de seus meandros a partir das novas contribuições do discurso psicanalítico.

Atualmente as pesquisas em psicanálise abordam com bastante frequência as intituladas “patologias do narcisismo” a partir do testemunho de pacientes que apresentam problemática distinta dos quadros clínicos clássicos descritos por Freud. Porém, é importante ressaltar que a própria construção do conceito de narcisismo é inspirada nas reflexões de Freud a respeito da psicose paranoica, como é possível destacar em sua leitura do Caso Schreber. Logo, é possível constatar que a psicose, especificamente a paranoia, ocupa lugar privilegiado no desenvolvimento do narcisismo, ao lado da melancolia. Dessa forma, julgamos pertinente uma investigação aprofundada a respeito do plano das identificações que determinariam a relação de extrema perseguição com o outro, assim como as respostas extremas dirigidas ao outro perseguidor, como a projeção patológica.

No primeiro capítulo buscaremos caracterizar a paranoia e a radicalidade das respostas dirigidas ao outro, vivido como ameaça incessante, personificada na figura de um perseguidor. Percorreremos a dimensão destrutiva que a sexualidade assume, manifestando-se no ódio ao objeto e na projeção exacerbada, característica da paranoia, assim como a construção delirante como tentativa de atribuir sentido à trama persecutória. Revisitaremos alguns textos freudianos para enunciar a importância do outro desde cedo na constituição psíquica do paranoico, assim como outros autores que ampliaram a compreensão da paranoia levando em consideração as falhas identificatórias na relação eu/outro que se atualizam na radicalidade das respostas ao outro.

No segundo capítulo investigaremos o conceito de narcisismo e de identificação narcísica no intuito de compreender a importância que ambos tiveram no entendimento do funcionamento psíquico da paranoia, assim como possíveis falhas no eixo narcísico que poderiam desencadear as defesas apresentadas no quadro clínico em questão. Em seguida, julgamos importante um estudo a respeito da noção de duplo entendido à luz

do narcisismo, uma vez que acreditamos que constitui uma chave de leitura que explicita o caráter “estrangeiro” que o outro assume na paranoia.

Por fim, no terceiro capítulo faremos um estudo comparado da paranoia com outros quadros clínicos que enfatizam o caráter patológico na dimensão identificatória. Longe de fazer uma simples comparação descritiva entre os quadros clínicos, nosso objetivo será investigar qual seria a singularidade da sombra do que atormenta o ego do paranoico, distinta das outras patologias a serem abordadas, como a melancolia e os estados limites. Acreditamos que o contraponto com essas situações clínicas seria frutífero, pois serviria de ferramenta teórica para enfatizar as falhas narcísicas que desencadeiam a vivência do duplo como perseguidor na paranoia, diferentemente das outras patologias.

Capítulo I

A singularidade da resposta ao outro na paranoia: entre o fascínio e o ódio

No presente capítulo faremos uma apreciação dos aspectos que caracterizam a paranoia como patologia e as peculiaridades dos mecanismos envolvidos na relação com o outro. O eixo central de nossa investigação será o estudo das respostas extremas que são dirigidas ao outro que, por sua vez, assume papel persecutório em relação ao paranoico. Dessa forma, levaremos em conta a dimensão da sexualidade em seu caráter destrutivo, e o ódio como aspectos fundamentais na base do psiquismo do paranoico, que levarão ao mecanismo de projeção patológica, assim como a tentativa desesperada de atribuição de sentido à perseguição sofrida, por meio da construção delirante.

Faremos uma breve visita aos primeiros textos freudianos para compreender a importância que o autor atribuía desde muito cedo à sexualidade na constituição do psiquismo e, conseqüentemente, ao desdobramento de possíveis organizações patológicas. Posteriormente veremos a tentativa de Freud, em sua leitura do Caso Schreber, de sistematizar uma teoria sobre o funcionamento psíquico da paranoia, amparado na tese da centralidade da homossexualidade na determinação dessa patologia. Em seguida exploraremos a contribuição de Piera Aulagnier e Guy Rosolato, autores que avançaram o estudo da paranoia, no intuito de buscar compreensão ampliada sobre o funcionamento paranoico e a singular relação com o outro que é estabelecida a partir de problemática identificatória que nos remete a um registro arcaico. Veremos a importância que o ódio, em seu caráter não só intrapsíquico, mas também intersubjetivo, no campo da relação primária tem grande importância para a compreensão da paranoia.

I.1– A projeção exacerbada: os primeiros escritos de Freud

Desde os seus primeiros escritos é possível perceber de que forma a psicose, em especial a paranoia, ocupou lugar de destaque na construção da teoria psicanalítica. Embora os pontos de vista de Freud tenham mudado de acordo com a própria construção da malha conceitual da psicanálise, o papel etiológico da sexualidade na

paranoia permaneceu como uma tônica desde os seus primeiros escritos, primeiramente sob a égide da teoria da sedução. Comentaremos a seguir dois textos iniciais da obra freudiana com o intuito de iniciar uma reflexão sobre a singularidade da resposta paranoica frente a um outro que assume dimensão persecutória. Destacaremos também o papel da projeção e o caráter defensivo e exagerado que assume no funcionamento paranoico.

Freud dedica o “Manuscrito H” (1895/2010) à temática da paranoia e propõe algumas ideias importantes sobre o funcionamento psíquico nela implicado. Discorre sobre a representação delirante e a obsessiva, propondo a ideia da existência de um contraste entre as duas. A primeira é por ele considerada como perturbação de ordem puramente intelectual, enquanto a segunda seria uma psicose intelectual. As duas compartilhariam, no entanto, um aspecto: assim como a representação obsessiva, que tem sua intensidade pautada no conflito, a representação delirante também se apresenta como “[...] a consequência de perturbações afetivas e deve sua intensidade a um processo psicológico” (Freud, 1895/2010, p.246).

Freud também propõe que a paranoia seja pensada como operação de defesa. “... a paranoia crônica em sua forma clássica é *um modo patológico de defesa*, como a histeria, a neurose obsessiva e a confusão alucinatória. Torna-se paranoico por coisas que não se tolera [...]” (Freud, 1895/2010, p.247). O funcionamento psíquico na paranoia seria, portanto, uma operação defensiva distinta das outras patologias, ou seja, dotada de peculiaridades. Também introduz a noção de intolerância no psiquismo do paranoico, importante aspecto que aponta para a presença de mecanismos arcaicos que estariam na base dessa patologia.

É importante situar que tais contribuições teóricas do autor se encontram ainda no âmbito da *neurotica*, ou seja, da teoria da sedução. É possível constatar com clareza tal fato a partir da vineta clínica trazida por Freud no mesmo texto, que se trata de uma jovem de trinta anos que desenvolve um quadro delirante-persecutório de ser notada. Tal quadro envolveria uma cena de sedução outrora vivida pela jovem com um homem que desempenharia o papel de sedutor. O conteúdo do delírio dizia a respeito à lástima que a vizinhança de onde morava sentia por ela ter sido abandonada pelo homem que havia praticado o abuso. “A defesa era de todo modo indubitável, mas de igual modo poderia ter levado a um sintoma histérico ou a uma representação obsessiva. Qual seria a peculiaridade da defesa paranoica?” (Freud, 1895/2010, p.248). Portanto, Freud

concebe o delírio construído pela jovem e os processos defensivos em questão como desdobramentos de uma cena de sedução factual.

O conteúdo positivo se conservou então inalterado, mas algo variou na posição da coisa. Antes era uma censura interna, agora era uma insinuação que vinha de fora. O juízo sobre ela havia sido deslocado para fora, as pessoas estavam dizendo aquilo que, de outro modo havia dito de si mesma. Algo se ganhava com isso. O juízo proveniente de dentro deveria ser aceito; o que chega de fora poderia ser negado. Com isso, o juízo, a censura, era mantido longe do eu. A paranoia tem, portanto, o propósito de defender-se de uma representação inconciliável para o eu projetando no mundo externo o sumário da causa que a própria representação estabelece (Freud, 1895/2010, p.248-249).

Tarelho (1999, p. 13-14) destaca que o caso clínico exposto por Freud é importante, pois demonstra muito cedo a relação entre os processos defensivos em jogo na paranoia e a sua relação com a sexualidade. Também ressalta a importância atribuída por Freud ao funcionamento paranoico de projetar para fora o que não pode ser aceito dentro, o que aponta para uma primeira conceituação da projeção. O autor também frisa a centralidade que Freud atribuía à projeção como importante para a compreensão do funcionamento psíquico na paranoia. Por fim, demonstra como Freud ensaia uma primeira tentativa de distinção entre a projeção paranoica e a projeção normal.

Posteriormente, Freud postulará que na paranoia há exagero na utilização do mecanismo psíquico intitulado projeção. Diante de uma modificação interna o sujeito teria duas opções, a saber, supor uma causa interna ou externa. Caso alguma interferência impeça a suposição de uma origem interna, recorre-se ao mundo externo. Freud também cita a expressão de emoções, que denunciam frente aos outros os estados internos de cada um. Assim se constituem o delírio de ser notado e a projeção normal. Porém, o que acontece quando há abuso do mecanismo projetivo?

Se a esquecemos, nos sobra somente o ramo do silogismo que leva para fora e, portanto, à paranoia, com a supervalorização do que se sabe a nosso respeito e dos feitiços dos quais padecemos. E isso que se sabe de nós mesmos e que nós não sabemos não podemos admiti-lo. Portanto, abuso do mecanismo de projeção aos fins da defesa (Freud, 1895/2010, p.249).

Em função de incompatibilidade entre as censuras internas e o eu há deslocamento dessas censuras para o mundo externo, em uma tentativa extrema de mantê-las longe do aparelho psíquico. O sujeito poderia perceber as recriminações como se fossem vindas de fora, mantendo a representação intolerável longe do eu.

A projeção atua como mecanismo de defesa protagonista desse tipo de funcionamento psíquico, permitindo que o sujeito negue as representações, censuras e juízos agora advindos de um agente externo. Como demonstra Freud (1895/2010, p. 251), a referência a si próprio em casos de paranoia poderia ser pensada como recurso que o sujeito busca para endossar a construção projetiva. “... a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que o eu se defende de alguma outra ideia penosa insuportável. Assim, pois, *amam ao delírio como a si mesmos*. Está aqui o segredo.” (Freud, 1895/2010, p.250-251).

No “Manuscrito K” (1896/2010) Freud prossegue com a tese de que o mecanismo da projeção utilizado de forma exagerada seria uma marca significativa da paranoia. Reafirma a importância da projeção na vida psíquica do paranoico, assim como já esboça a ideia de que algum conteúdo proveniente da experiência retornaria do mundo externo alterado.

A respeito do texto citado, Tarelho (1999, p.15) destaca que Freud ainda se baseia no modelo da neurose obsessiva para explicar a paranoia. O incidente primário, de ordem sexual e traumatizante, seria análogo ao que ocorreria na neurose obsessiva. Em um primeiro tempo este incidente seria marcado pelo prazer, a liberação do desprazer viria a partir de uma lembrança *a posteriori*. Tarelho destaca a suposição de Freud de que o desprazer liberado a partir da lembrança seria devido à ligação *après-coup* do incidente prazeroso com outro ainda anterior, que teria produzido prazer tendo sido vivenciado de maneira passiva.

Dessa forma, o objeto do recalçamento não seria mais a autocensura, como na neurose obsessiva, mas o próprio desprazer. Um desprazer em que o meio é responsável, como assinala a desconfiança como sintoma primário. Também é importante destacar que as ideias sustentadas no presente texto são baseadas na hipótese do trauma em dois tempos; um incidente sexual mais antigo adquire sua força traumática a partir do momento em que outro incidente vem reativar a lembrança do primeiro em uma época em que aquele poderia ser vivido como desprazeroso.

Freud também destaca haver distorção nesses fragmentos de recordações que retornam; durante tal atividade psíquica não há a formação de um substituto correlato aos mesmos, pois estas lembranças são substituídas por imagens extraídas do atual, ou seja, são desfiguradas por conta de uma substituição temporal. Logo, as vezes se aproximam da autocensura negada pelo paranoico, por vezes irreconhecível por conta da distorção que sofre, podendo se manifestar até como ameaças ao sujeito (Freud,

1896/2010, p.267). A negação à censura interna acarretaria alguns problemas à instância egoica: por conta do rompimento entre a crença e a censura primária, os conteúdos que retornam são passíveis de explicação pelo eu. “O eu não os considera estranhos, mas é impelido por eles a dar explicações através de tentativas que seria lícito definir como *delírios de assimilação*” (Freud, 1896/2010, p.267).

Ainda sobre o retorno desse conteúdo distorcido, Freud pontua que frente a esses delírios de assimilação a defesa do aparelho psíquico fracassa. “[...] os delírios de assimilação não podem ser interpretados como sintomas de defesa secundária, mas como o início de uma *alteração do eu*, expressão de avassalamento” (Freud, 1896/2010, p.267). Tal processo teria alguns desfechos como a melancolia e o sentimento de aniquilação do eu, e o delírio de grandeza, evidenciando uma saída megalomaniaca; ambos seriam tentativas de remodelar a instância egoica.

Portanto, notamos que em um primeiro momento, ainda debruçado sobre a teoria da sedução, Freud concebe a paranoia como uma operação de defesa por excelência em que, por conta de uma experiência intolerável para o ego que, incapaz de censurá-lo internamente, o projetaria para fora. Logo, a projeção atuaria como uma defesa extrema visando a manter essas experiências insuportáveis e desprazerosas distantes do ego. O delírio, compreendido como alteração egoica, seria uma tentativa de atribuição de sentido a uma experiência avassaladora que atravessa o sujeito e sua vida psíquica.

Vistos esses primeiros escritos de Freud sobre a paranoia, revisitaremos a seguir o célebre Caso Schreber, escrito em 1911. Acompanharemos a importante mudança de paradigma na compreensão da paranoia em relação ao modelo da autocensura apresentado anteriormente. A partir da leitura de Freud do caso Schreber a paranoia seria compreendida a partir de um desejo homossexual intolerável. “Diríamos que o caráter paranoico reside em que, para defender-se de uma fantasia de desejo homossexual reagiu precisamente com um delírio de perseguição desta classe” (Freud, 1911 [1910]/2010, p.55).

I.2 – Schreber, feminilização e homossexualidade

Devido à riqueza inestimável do texto freudiano sobre o autor de “Memórias de um doente dos nervos”, nos restringiremos aqui a um pequeno recorte de tópicos especialmente valiosos para nossa pesquisa. Trata-se de um texto em que Freud supõe a presença de um desejo homossexual intolerável no cerne do funcionamento psíquico da paranoia; embora ainda continue atribuindo estreita ligação entre o mecanismo de

projeção e a patologia citada, o autor procura estudar o caso Schreber sob os auspícios de suas contribuições sumárias descritas, por exemplo, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2010). Veremos a seguir as relações que Freud estabelece entre a teoria da homossexualidade, a feminilização e o papel da projeção a partir de sua leitura do caso Schreber.

Freud destaca a projeção e a homossexualidade como elementos centrais para a compreensão da paranoia. A homossexualidade é vista, por sua vez, em seu caráter desencadeador de toda a trama delirante de Schreber. Freud demonstra que o modelo do delírio de perseguição de Schreber toma o médico Flechsig como o autor de todas as perseguições. Como Freud demonstra, o delírio atribui grande poder e influência ao perseguidor, que outrora teria sido amado. Posteriormente, este seria odiado e tomado como perseguidor, e o delírio desempenharia um papel de justificativa da transformação do sentimento (amor em ódio) para o paranoico (Tarelho, 1999, p.40).

Prosseguindo com a apreciação do autor, este ainda ressalta que Freud evoca três elementos importantes do período pré-psicótico de Schreber: o profundo reconhecimento de Schreber por Flechsig, os sonhos de que a doença havia retornado e a representação de que haveria de ser belo ser uma mulher no ato da cópula.

Depois de ter denominado tal sexualidade como libido homossexual, Freud busca outros elementos para corroborar sua hipótese. Sustentará então que o afastamento da esposa de Schreber para visitar seu pai constituiria importante fator desencadeador da doença de Schreber. Para Freud, a presença dessa mulher constituiria uma proteção importante contra a atração pelos homens do meio. Tarelho (1999, p. 42) destaca que, nesse período de afastamento, Schreber teria tido várias poluções em uma única noite, fato que o próprio consideraria importante para o seu problema de nervos. Freud, por sua vez, destaca que tais poluções estariam acompanhadas de fantasias homossexuais.

Conforme assinala Tarelho (1999, p.42-3), seria possível questionar se tais fantasias homossexuais não estariam ligadas a um estado de transbordamento pulsional. Tarelho traz dois autores para sustentar o seu questionamento: Franz Baumeyer, que ressalta a possibilidade de ter havido conflito entre Schreber e sua esposa, o que teria acarretado o afastamento dela por quatro dias. Por sua vez, Zvi Lothane sugere que o afastamento de sua esposa teria sido sentido por Schreber como um abandono, fato que teria contribuído para a falência de seu ego.

O papel desempenhado por Flechsig na formação delirante de Schreber merece ser analisado sob essa ótica. Alguns fatos podem servir como indicativos de que Schreber não projetou no vazio, mas em um contexto favorável ao tipo de fantasia em questão. Também seria possível compreender tal relação como a reedição de uma relação originária de sedução marcada por forte ingerência e por um sentimento de total impotência perante a mesma.

Tarelho (1999, p.43) se ampara nas contribuições de Lothane para discorrer sobre o tipo de psiquiatra que foi Flechsig, o que teria sido determinante na relação transferencial. Este foi um neuroanatomista e psiquiatra organicista sem nenhum interesse pela psicoterapia. Também é ressaltado que ele estava mais interessado nas questões políticas e administrativas da Universidade de Leipzig em detrimento de seus pacientes; o tratamento, por sua vez, seria restrito à farmacoterapia. Outro ponto destacado por Tarelho a partir de Lothane é o fato de que hoje se intitula contrato terapêutico. Schreber foi atendido por Flechsig como médico particular, para quem pagava honorários em troca do tratamento; porém, Schreber não tardou a ser internado e não ser distinguido dos outros pacientes internados.

Schreber acreditava cegamente no fato de que Flechsig manipulava seus nervos; ele próprio se considerava doente dos nervos e não “da cabeça”, pois acreditava que sua doença era de ordem física e não psíquica. Schreber interpretava as suas alucinações (assim classificadas pelos psiquiatras) como comandos exercidos pelo sistema nervoso de Flechsig sobre seu próprio sistema nervoso. Para explicar tal fato, Schreber se pergunta se o médico não o faria através de hipnose, sugestão ou qualquer coisa desse gênero (Tarelho, 1999, p.44).

Por fim, ressalta que Freud discute o processo de transferência pelo qual um investimento de sentimento no doente remete a uma pessoa que foi significativa para o mesmo. Flechsig poderia ser compreendido, dessa maneira, como um substituto do irmão e do pai de Schreber; tal duplicidade é desfeita por conta da transferência com Deus. Freud (1911/2010) diz que a figura de Deus, tal como Flechsig, remete a uma pessoa amada, mas aquele se referiria a alguém muito mais significativo. Portanto, Flechsig seria associado por Freud à figura do irmão, enquanto Deus estaria referido ao pai. Freud diz também que essa transposição do desejo em relação ao irmão para o desejo em relação ao pai seria uma preparatória para a transformação que estaria por vir – a transposição da emasculação por conta do abuso sexual para a emasculação que

visaria a redenção da humanidade. Esta última permitiria, segundo Freud, a reconciliação com a fantasia de desejo homossexual (Tarelho,1999, p.45).

A importância da feminilização no sistema delirante de Schreber é notável. Em todo o histórico clínico que Freud traz a partir dos relatos escritos do primeiro são permeados pelo desejo de se transformar em mulher. Micheline Enriquez (1999, p. 36) mostra que a feminilização seria uma tentativa de atingir uma condição corporal suportável, conforme o próprio Schreber diz em seu livro *Memória de um doente dos nervos*. A primeira internação de Schreber, marcada por grande sofrimento persecutório e, portanto, por arbitrariedade persecutória, é substituída pelo sistema de crenças delirantes que derivam em um culto à feminilidade que se ofereceria a Deus, “[...] que o consentimento sacrificial para uma mudança na ordem do sexo, situa-se na fonte de uma nova ordem social e humana e de um outro modo de transmissão de vida” (Enriquez, 1999, p.36-37).

Assim, “a passagem de uma *arbitrariedade que persegue a um impossível idealizado*” (Enriquez, 1999, p. 36) conduz Schreber à feminilização por castração que o elegerá o instrumento divino de Deus. Não obstante, Enriquez assinala que tal idealização impossível só faria sentido caso fosse confrontada ao seu inverso, ou seja, a trama persecutória que violenta o corpo e o pensamento do paranoico. Tais excessos provenientes da perseguição, como ser vítima da onipotência do outro, ser ameaçado constantemente de morte ou mesmo de uma castração radical, estão presentes na história de Schreber, cujo pai ficou célebre como autor de uma ginástica médica de correção postural, “[...] havendo elaborado, sob a cobertura da educação, um erudito sistema de perseguição do corpo infantil por meio do exercício da constrição e da repressão de todo prazer” (Enriquez, 1999 p.38).

De uma maneira geral, tais encontros com a arbitrariedade sempre provocam um conflito identificatório paroxístico, cuja saída subjetiva, caso consiga se delinear, encontra-se constantemente ameaçada por processos de dessubjetivação, no qual operam as pulsões de morte. É verdade que nenhuma experiência com a arbitrariedade poderia, por si só, fundar a psicose, mas ela facilita em muito a tomada de posições psicóticas diante da realidade e seus limites; e isto de modo ainda mais acentuado quando se inscreve em um contexto histórico duradouro que de forma alguma seria fruto do acaso, mas de um *projeto* (cultural, educativo ou outro) racionalizado e valorizado. Assim, um conjunto de atos e de falas em constante contradição com as vivências corporais e psíquicas impõem e/ou proíbem certas fantasias, comportamentos e posições

identificatórias, induzindo, desta forma, teorias delirantes primárias (sobre a origem das crianças, o sistema de parentesco, esta ou aquela causalidade ou finalidade) (Enriquez, 1999, p.37-38).

A feminilização seria uma tentativa de resolução desse conflito identificatório paroxístico: a passagem de um corpo perseguido pelo corpo e pelo pensamento de um outro a um corpo idealizado, ou seja, o processo de feminilização do homem seria a pedra angular na qual se apoiariam todos os sistemas interpretativos e defensivos na paranoia, assim como a sua relação com a causalidade. Tais sistemas estariam, em última instância, buscando que a feminilização se torne representável e pensável, embora sempre submetidos às ressurgências do ódio e da oscilação entre a atração e a rejeição (Enriquez, 1999, p. 39). Assim sendo, Enriquez vincula a feminilização em seu caráter ameaçador com a identificação maciça à figura materna, “[...] que ela acaba por esmagar qualquer possibilidade de individuação, reconhecimento da alteridade e identidade sexuada” (Enriquez, 1999, p.39).

Micheline Enriquez destacará que diversos autores após Freud se interessaram pelo lugar imaginário da mãe na cena primária, assim como pelos reflexos traumáticos oriundos da relação com o outro materno que poderiam se desdobrar em uma trama persecutória. Porém, a autora nos remete que no próprio caso Schreber já seria possível notar o interesse de Freud na relação entre a fantasia de uma cena primária traumática e sua relação com uma identificação maciça à mãe. Tais contribuições serão aprofundadas posteriormente ao estudarmos a questão da cena primária e as problemáticas identificatórias que se apresentam na paranoia.

A autora discorre sobre um episódio bastante notável descrito por Schreber em seu livro autobiográfico. Trata-se de uma experiência seguida da célebre frase que marca o seu desejo de ser mulher para se submeter ao ato sexual. Enriquez descreve que Schreber passa por um período conturbado marcado por graves insônias devidas à atividade intelectual, “ao isolamento em uma cidade desconhecida e às dificuldades de adaptação à sua nova função de presidente da corte de apelação de Dresden [...]” (Enriquez, 1999, p.40). Schreber então relata um episódio em que, após várias noites em claro, ouve um estalido intermitente que não o deixa dormir, que posteriormente é interpretado por ele mesmo como um sinal de milagre divino que o persegue no intuito de não deixá-lo dormir para que adoeça. “Freud não escutará este ruído. Ele detém-se na primeira sequência e irá interpretá-la como uma prova do desejo homossexual passivo

de Schreber” (Enriquez, 1999, p.40). Veremos posteriormente, a partir da leitura de Guy Rosolato, que Freud descreve em 1915 um caso de uma jovem em que o ruído percebido pela mesma é interpretado por Freud como projeção de uma excitação sexual intimamente ligada à identificação narcísica regressiva com a mãe, o que impossibilitaria outras possibilidades de identificação e afetaria o estabelecimento da alteridade.

Enriquez (1999, p.42) também discorre sobre as contribuições de Fairbairn que, apoiado na teoria kleiniana, afirma que a cena primária seria reavivada na paranoia junto a afetos de ódio sádico em relação à mãe, assim como uma fantasia de perseguição por parte do pai. A solução encontrada pelo paranoico seria então a negação da cena primária, o que acarretaria fantasias de autoengendramento. Também destaca as contribuições de Freud e Lacan a respeito de que tal percurso identificatório levaria à forclusão dos significantes paternos. Porém, a autora assinala que a potência paterna ainda constituiria um polo identificatório importante e que também seria objeto de identificação narcísica em espelho com a identificação materna. “Então, o pai será identificado e identificante como portador de um desejo e de um *poder arbitrário maléfico* [...] ou de um *impossível* a ser atingido cuja onipotência será idealizada” (Enriquez, 1999, p.42).

A autora assinala que a presença intensa do narcisismo no processo de identificação possui grande potencialidade persecutória por conta da tonalidade agressiva e do ódio. A identificação narcísica, portanto, seria uma tentativa de reinstaurar um estado primitivo, um retorno a uma identificação totalitária na qual seria impossível uma perda do objeto ou mesmo a separação (Enriquez, 1999, p.42).

Freud aproxima a produção delirante e a fantasia de feminilização de Schreber a um desejo homossexual passivo inconsciente em relação ao pai. Tal desejo, ao ser despertado, desencadearia a projeção exacerbada e os sistemas delirantes. Enriquez destaca que a respeito da ligação entre a homossexualidade e a paranoia é preciso atentar para a natureza das pulsões homossexuais que, embora remetidas ao par amor e ódio em relação ao mesmo, não compartilham da mesma gênese e se diferenciam pelos modos pelos quais se expressam (Enriquez, 1999, p.34).

É possível buscar-se um mesmo e reconhecê-lo tanto sob os traços de um duplo quanto dos de um semelhante. Sabemos que a qualidade da relação e da identificação narcísicas envolvidas nesse procedimento depende, em alto grau, da qualidade da voz e do olhar maternos face à imagem especular. No paranoico, a

potência da atração materna – quer ela retire sua força de uma fantasia de cena primária, quer ela seja, como sugere R.B White, resultante de uma primeira separação da mãe demasiadamente precoce e traumática (separação na qual o papel do pai e de seu desejo pela criança não devem, de maneira alguma, ser negligenciados) – reduz a nada a indispensável *identificação da criança pela mãe* (Enriquez, 1999, p.44-45).

Caso haja uma falha nessa identificação primária, responsável pelo reconhecimento de uma diferenciação, a criança permaneceria fixada à mãe em um registro que envolve a corporeidade, a qual Enriquez chama de “femealidade”. Esta remeteria à “[...] mãe-mulher primária, que oferece um espelho que devolve apenas a sua própria imagem totalizante e deslocada” (Enriquez, 1999, p.45). Diferentemente da escolha homossexual apresentada em Leonardo Da Vinci por Freud, a homossexualidade paranoica colocaria em perigo a própria identidade sexual por conta do não estabelecimento da alteridade e por se encontrar marcada pela feminilização. Enriquez mostra, no entanto, que o desejo de feminilização e a busca identificatória por um espelho ou por um veredito que liberte o paranoico do domínio da imago materna são amparados por componentes homossexuais da libido (Enriquez, 1999, p.46). É nesse sentido que a autora compreende a busca incessante do paranoico por um pai com o qual possa não somente se identificar, mas que também possa identificá-lo (Enriquez, 1999, p. 46).

Portanto, Enriquez alerta que é preciso rever a relação de causalidade atribuída por Freud entre a homossexualidade e a paranoia: o desencadeamento de uma paranoia não seria em função de uma fantasia homossexual que não poderia ser assumida, mas sim o fracasso da busca homossexual de semelhante e de um outro identificantes, “[...] que reativa o ódio, provocando a disjunção identificatória e, no melhor dos casos, reinstaurando as clivagens; na pior, deles fazendo delirar” (Enriquez, 1999, p.46). Também conclui a autora que a libido homossexual, nesse sentido, seria uma tentativa de cura. “Assim, a homossexualidade desempenharia, face à clivagem e à explosão identificatória, uma função de reunião do psiquismo” (Enriquez, 1999, p.47).

Discorreremos a seguir sobre outro aspecto fundamental para a compreensão da paranoia e da complexa relação que se estabelece com o outro. O ódio ocupa lugar de destaque na construção delirante do paranoico frente a um perseguidor incansável; veremos que tal ódio estará associado a um sentimento anterior de amor, e que tal

reversão de sentimentos está diretamente associada a uma problemática no estabelecimento de uma alteridade entre o eu e o outro.

I.3 – A função do ódio e a figura do perseguidor

O entendimento que a psicanálise desenvolve em relação ao funcionamento psíquico da paranoia é indissociável da reversão do amor em ódio. Freud (1911/2010) nos mostra que o perseguidor, odiado pelo sujeito paranoico, em outro momento teria sido amado e venerado e o delírio, por sua vez, seria uma tentativa de atribuir sentido a essa mudança de sentimento em relação ao amado/perseguidor. Freud, ainda debruçado na lógica do conflito do modelo da histeria, explica que se trata do recalçamento da libido homossexual, e o delírio seria a expressão da luta defensiva contra a ressexualização dos investimentos que o paranoico em um primeiro momento geriu de forma diferente, a saber, deslocando-os ou sublimando-os.

Com a finalidade de buscar maior compreensão sobre a função do ódio na paranoia e sua intrínseca relação com a figura do perseguidor, retomaremos alguns pontos concernentes ao mecanismo da paranoia, em especial as equações que Freud monta a partir do enunciado da língua fundamental de Schreber: “Eu (um homem), o amo (outro homem)”. As três fórmulas seriam referentes ao delírio de perseguição, à erotomania e ao delírio de ciúme. Para fins de nosso estudo, discutiremos sobre os dois primeiros enunciados citados.

Freud enuncia o delírio de perseguição da seguinte forma: “Eu não o amo – logo eu o odeio” (1911/2010, p.58). A partir desse enunciado, o autor explica que, por conta da especificidade do mecanismo da paranoia, uma percepção interna seria substituída por outra vinda de fora. Portanto, por conta do mecanismo de projeção a frase “eu o odeio” se transformaria em “ele me odeia (me persegue)”, fato que justificaria o ódio sentido pelo paranoico em relação ao seu perseguidor posteriormente. Dessa forma, o enunciado final correlato ao delírio de perseguição seria “Eu não o amo – eu o odeio – porque ele me persegue” (Freud, 1911/2010 p.59).

A respeito do delírio da erotomania, o enunciado montado por Freud será: “Eu não o amo – eu a amo” (Freud, 1911/2010 p.59). Tal enunciado, por conta da prevalência do mecanismo de projeção, seria transformado em outro: “Eu não o amo – eu a amo – porque ela me ama” (Freud, 1911/2010, p.59). Freud chama atenção para o caráter exagerado de uma fixação heterossexual que alguns casos de erotomania poderiam assumir num primeiro entendimento precipitado; sinaliza então que tais

situações amorosas não se instalam com uma percepção interna de amar, mas pertencem à dimensão de uma percepção vinda de fora, a saber, o fato de o sujeito ser-amado.

Por fim, vale destacar a constatação de Freud de que na maioria dos casos de paranoia seria possível perceber algum grau de delírio de grandeza. Este, por sua vez, é associado a algo da dimensão do infantil, sacrificado posteriormente no desenvolvimento do sujeito em relação com a sociedade. Outra situação em que tal delírio de grandeza seria sufocado seria em uma forte paixão na qual o indivíduo se vê capturado (Freud, 1911/2010, p.61).

Em seguida, nosso autor fará uma tentativa de estudar o mecanismo de formação do sintoma e de recalque que serão específicos da paranoia, entendida na perspectiva de um impasse a respeito de uma fantasia homossexual. Nesse sentido, Freud enfatizará novamente o papel da projeção no funcionamento paranoico, como em seus textos considerados pré-psicanalíticos abordados anteriormente no presente trabalho. Conforme vimos anteriormente nos enunciados propostos pelo autor, a projeção ocupa lugar central na transformação da figura outrora amada num perseguidor odiado.

No mecanismo da projeção uma percepção interna seria sufocada, e como substituto desta advém à consciência seu conteúdo, que experimenta certa desfiguração, como uma percepção de fora. No delírio de perseguição a desfiguração consiste em uma mudança de afeto; o que estava destinado a ser sentido internamente como amor é percebido como ódio vindo de fora. Deveríamos sentir-nos tentado a postular esse assombroso processo como o mais significativo da paranoia e absolutamente patognomônico dela, se não nos lembrássemos a tempo que: 1) a projeção não desempenha o mesmo papel em todas as formas de paranoia e, 2) não ocorre somente na paranoia, mas também em outras constelações da vida psíquica, e ainda cabe atribuir-lhe uma participação regular em nossa postura frente ao mundo exterior [...] (Freud, 1911/2010, p.61).

Embora Freud mencione que não se estenderá na descrição do mecanismo da projeção, vimos até agora que se trata de mecanismo de grande importância no funcionamento paranoico para lidar com a questão da homossexualidade que é intolerável para o ego. A esse respeito, Mijolla-Mellor (1998) comenta a concepção freudiana de que as ideias delirantes do paranoico têm fundamento real e podem ser entendidas como exageros, seja no interesse sexual permanente e inconsciente que os seres humanos dirigem aos outros, seja por conta da percepção de indiferença narcísica espontânea do outro, interpretada por eles como antipatia ou desprezo.

A fim de ilustrar a importância do mecanismo da projeção para a construção delirante do paranoico, destacaremos ainda uma passagem em que Freud discorre sobre o papel da projeção no delírio de fim de mundo na paranoia. O paranoico retiraria o investimento libidinal anteriormente ligado a outras pessoas e ao mundo, que para ele se tornariam indiferentes e precisariam de uma racionalização secundária. “O sepultamento do mundo é a projeção desta catástrofe interna; seu mundo subjetivo foi sepultado desde o retraimento de seu amor por ele” (Freud, 1911/2010 p.65).

Mijolla-Mellor (1998) destaca que houve importante deslocamento operado por autores franceses recentes no que tange à teorização da paranoia: trata-se de um deslocamento que parte de uma etiologia centrada no amor homossexual recalcado e transformado em ódio ou projetado para uma perspectiva em que, assumindo a centralidade do ódio na paranoia, outras etiologias para o mesmo possam ser pensadas. A autora se apoia nas contribuições de Piera Aulagnier a respeito das condições próprias na infância de futuros paranoicos, que por sua vez se inspirou em autores como Guy Rosolato, Micheline Enriquez e André Green. “Se a problemática do esquizofrênico aparece centrada em torno da mãe, a do paranoico concerne todo o casal e em particular o pai, a mãe aparece em uma posição de complacência passiva e de insinceridade fundamental” (Mijolla-Mellor, 1998, p.60).

A autora destaca que o ódio ocupa lugar de destaque na teorização sobre a paranoia de Aulagnier. O ponto central para o estabelecimento de uma potencialidade paranoica seria a tentativa de tornar o ódio inteligível, razoável e sensível. A autora ainda destaca a diferença entre a posição de Aulagnier e a perspectiva de Freud; para aquela, no início estaria em jogo um ódio que seria exterior ao sujeito, pois se inscreve na pré-existência do mesmo. Mas também fala do ódio interior, seria inerente à relação com os genitores.

Mijolla-Mellor (1998) comenta o papel central atribuído à realidade histórica na obra de Aulagnier para pensar a gênese da problemática psicótica e traz a imagem de uma feiticeira inclinada sobre o berço da criança desde a sua chegada ao mundo para caracterizar o ódio na paranoia. Destaca também que a autora não se atém somente à dimensão intelectual da paranoia, mas enfatiza a forma pela qual a criança lida com a fantasia da cena primitiva; esta é encarada na paranoia como uma cena de batalha e destruição.

Freud mostrou a dimensão sádica que permeia a cena primitiva e a teoria sexual infantil que lhe é correlata. Tal fato é percebido no modo como a criança figuraria a

relação sexual como uma violência imposta pela parte mais forte à parte mais fraca e nas teorias sexuais infantis que são elaboradas em relação aos processos de nascimento. Mas, para Freud, trata-se de uma fantasia sádica da criança por conta da imaturidade fisiológica que torna inconcebível a realidade da relação sexual.

Por sua vez, Sophie de Mijolla-Mellor enfatiza que, mais do que a presença do conflito conjugal, trata-se da dimensão perversa, do gozo, e o exibicionismo dos protagonistas que são os elementos chaves para compreender a resposta da criança sob a forma de uma paranoia (Mijolla-Mellor, 1998, p.61). Dessa forma, é possível ensaiar uma articulação entre o ódio descrito por Freud como próprio ao sujeito paranoico e o ódio descrito por Aulagnier que seria próprio aos pais. Nesse contexto, o *infans* nesse período conheceria intimamente a erotização da cólera e do ódio e, dessa maneira, poderia tornar seus os sentimentos parentais que lhe convierem. Dessa forma, Mijolla-Mellor esclarece que a regressão à cena sexual em sua forma sádica teria força patogênica por conta da grande proximidade com a experiência afetiva e libidinal da criança (Mijolla-Mellor, 1998, p.62).

Discorre também sobre as consequências psíquicas do que Aulagnier nomeia como a escolha do campo de um dos pais para o paranoico. A criança escolheria um dos pais da cena primitiva como “bom”, e ao mesmo tempo excluiria o outro do casal. Haveria a necessidade de seduzir o genitor escolhido, ao qual a criança estaria submetida. Nesse combate, a criança precisaria se proteger do perigo que a cerca e provar a sua fidelidade ao genitor escolhido (Mijolla-Mellor, 1998, p.62).

A autora indaga se seria possível falar de Édipo nesse nível descrito. Aulagnier descreve uma evolução que se assemelha à estruturação edípica e se repete na menina e no menino. Descreve então que a primeira fase de ligação exclusiva do bebê com a mãe seria sucedida por outra em que haveria idealização defensiva do pai. Defesa dupla, pois ao tomar partido do pai a criança se desliga de uma fusão esquizofrenizante com a mãe onipotente que se opõe a qualquer contribuição paterna para a criança. Nessa segunda fase, a criança se depara com uma falha quando percebe que a idealização do pai não coincide com o pai real (Mijolla-Mellor, 1998, p.62).

Por fim, Mijolla-Mellor expõe que haveria uma terceira fase na etiologia paranoica, que seria a idealização do pai em negativo, o que implicaria o mesmo como portador de um desejo malvado e perigoso, como a mãe enuncia. Em contrapartida, a mãe é idealizada como sofredora que precisa ser protegida. Porém, Mijolla-Mellor ainda assinala que as figurações anteriores permanecem ativas, e podem tornar a mãe-vítima

em mãe onipotente, assim como o pai pode assumir o caráter falho de um pai caído. Dessa maneira, a criança não se consideraria mais herdeira, pois teria que lidar sempre com a fraqueza de um e a potência do outro. Destaca também que a criança, conforme visto anteriormente, teria permanecido em uma posição inicial de testemunha-vítima e teria como suporte para representar sua própria origem uma cena primitiva em que os genitores se autodestroem com o ódio (Mijolla-Mellor, 1998, p.63).

A questão do ódio do casal parental e sua grande importância no acarretamento das falhas básicas na constituição do psiquismo nos levarão à questão das falhas básicas que envolvem a cena primária e a posição de passividade radical da criança em relação ao outro. Investigaremos a seguir de que forma a não instauração de uma alteridade pode ser entendida através da prevalência patológica do mecanismo de identificação narcísica regressiva à mãe. Trata-se de falhas básicas no eixo identificatório que estariam no âmbito da relação primária, ou seja, dizem respeito à constituição egoica do aparelho psíquico.

I.4 – A cena primária e as falhas identificatórias

Prosseguiremos a investigação a respeito das falhas identificatórias que estão na base de determinação da paranoia a partir das contribuições de Guy Rosolato a respeito da problemática da cena primária nessa patologia. Para este autor, como veremos a seguir, as falhas na identificação primária aos pais acarreta na relação primária uma série de consequências que serão cruciais para a determinação da resposta paranoica. A identificação narcísica regressiva à mãe e a indiferenciação patológica que o mecanismo acarreta serão abordadas sob a égide da cena primária a partir da retomada do texto de Freud “Um caso de Paranoia que contradiz a teoria psicanalítica” (1915/2010).

Em confluência com as contribuições de Micheline Enriquez apresentadas anteriormente, estudaremos a seguir as contribuições de Guy Rosolato. Acreditamos que a o estudo deste autor acerca do papel patológico que a identificação narcísica assume na paranoia seja uma via profícua para avançarmos na compreensão da paranoia e dos mecanismos que gerem a sua relação com o outro.

Rosolato (1969) discorre sobre a importância atribuída inicialmente por Freud entre a paranoia e as recordações oriundas da infância. As organizações fantasmáticas teriam então função defensiva no intuito de garantir a inacessibilidade das recordações que poderiam se tornar sintomas. O autor também destaca que, no início de sua obra, Freud estava interessado em estabelecer uma distinção diagnóstica entre as

psiconeuroses de defesa, que englobariam a histeria, neurose obsessiva e paranoia em 1896, a partir da cena sexual (Rosolato, 1969, p.227). No que concerne à paranoia, o autor destaca que Freud relaciona-a aos mitos de origem dos bebês e ao romance familiar como um indício de patologia na paranoia. Posteriormente tal elaboração é modificada ao pensar o romance familiar não como um estado patológico, mas sim como corriqueiro na infância.

Freud retomará a questão da cena primitiva após postular a teoria da homossexualidade como cerne da paranoia no Caso Schreber (1911/2010) e após sistematizar o narcisismo em 1914. Trata-se do texto “Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica” (1915/2010) que retomará a questão da identificação narcísica regressiva à imago materna e, conseqüentemente, nos remeterá à cena primitiva.

O texto trata do caso de uma jovem que vivia com sua mãe e cujo pai havia morrido vários anos antes, e que apresenta um delírio de perseguição após ter um encontro com seu chefe e ter trocado carícias mais sensuais com ele. O delírio gira em torno da acusação da jovem de que seu chefe havia tirado fotos comprometedoras que poderiam fazê-la perder seu emprego. Relata também que ouviu no suposto momento em que a foto teria sido tirada, um ruído de disparador que viria de trás de uma mesa onde havia uma cortina, em frente à janela em que ocorreram as cenas amorosas.

A questão trazida por Freud no texto seria justamente o fato de o perseguidor não ser do mesmo sexo que o sujeito perseguido, ou seja, aparentemente a homossexualidade não estaria em evidência, o que por sua vez contradiria a teoria proposta pelo autor. Porém Freud destaca alguns fatos que, em um primeiro momento, haviam sido omitidos pela jovem. Ela esteve duas vezes na casa de seu amigo e não uma só, como havia afirmado, e desde o primeiro encontro já havia um temor em relação a uma diretora de seu serviço, uma mulher que simpatizava com ela.

Rosolato (1969) destaca a segunda fase do desenvolvimento da paranoia apresentada e as contribuições que Freud propõe. Freud traz novamente a importância da fantasia das relações sexuais entre os pais como algo presente em todos os seres humanos e que, no caso em questão, o ruído relatado pela jovem estaria ligado a essa fantasia originária. Rosolato ressalta que o ruído desempenharia um papel nas fantasias escopofílicas integradas ao complexo parental e teria um aspecto duplo: a descoberta da criança das relações entre seus pais e também o ruído da espreita da criança descobrindo isso por si mesma. Destaca ainda o desenvolvimento que Freud propõe ao caso, em que

a jovem teria tomado o lugar da mãe na cena de sedução na qual o chefe por sua vez representaria o pai (Rosolato, 1969, p.229). Assim, a identificação com a mãe se constitui através do modelo narcisista e regressivo que, por sua vez, deixaria espaço para uma terceira pessoa na incumbência de espião (Freud, 1915/2010, p.269).

Ao seguirmos com o relato de Freud acerca do caso, a jovem estava preocupada com o barulho supostamente ouvido quando se depara com dois homens, e um deles carregava um pacote, enquanto falavam em voz baixa e a olhavam, o que serviu de ponto de partida para o seu delírio. A organização tardia das impressões e recordações seria uma característica da paranoia. Freud propõe então que o ruído poderia ter sido percebido num nível orgânico, uma sensação no clitóris que frearia uma excitação genital angustiante. Freud ainda destacaria que o ruído acidental estaria próximo ao processo de projeção (Freud, 1915/2010, p.270).

Rosolato discorre então acerca dos personagens edípicos do caso, em que há a delimitação de um lugar vazio que, por não ser ocupado pelo sujeito permanece como uma incógnita, enigmático.

Esse lugar do Outro assim assinalado no momento da cena crucial se encontra marcado por este elemento da cena original tomada em sua generalidade: um som, indeterminado, a não ser pela inquietação que engendra. Logo, com a constituição do delírio, são os dois homens que ocuparam esse lugar. Porém os dois homens têm uma particularidade: conservam um caráter de completo anonimato (Rosolato, 1969, p. 231).

Como nos mostra o autor, há uma problemática na situação edípica, que não se constitui de forma triangular: há a imposição de uma dupla relação dual, com um homem em uma relação interminável, e com a mãe via identificação narcísica. Tal relação dual remete ao vazio, que denuncia a ausência do que se encontra rechaçado, que seria o falo e o pai. “Nesse vazio que se duplica com uma insatisfação sexual, após uma excitação preliminar deixada em suspenso, uma zona do corpo – o clitóris – adquire certo relevo, e ao mesmo tempo o som indeterminado se enriquece com um sentido fixado [...]” (Rosolato, 1969, p.231-232). Tal observação de Freud é enfatizada como exemplar pelo autor para ilustrar a íntima relação entre a paranoia e a cena primitiva.

Diz Rosolato que levar em consideração a fantasia originária não se trata de fazê-la competir com outras fantasias. A cena originária oferece a vantagem de ter o seu eixo no Édipo, ou seja, funciona como uma matriz para a situação triangular: “A cena

original pode, pois, ser considerada como a organização mais geral e mais concentrada dos fantasmas (outro aspecto original que é preciso situar nas estruturas das fantasias inconscientes)” (Rosolato, 1969, p.235).

A contemplação permite colocar em evidência todas as demais cenas: o sujeito parece ficar fascinado e implicado, fora do quadro [...] Além disso, a cena primitiva conduz diretamente ao “visto” e, sobretudo ao “ouvido” que chegam enigmaticamente do exterior. A cena originária considera os pais em uma união (ou mescla) da qual raramente está excluída a violência: a mãe ferida carnalmente, o pai privado do pênis (Rosolato, 1969, p.237).

A cena primitiva nesse sentido também adquire valor de espelho; o autor discorre que é possível notar o que chama de “reflexo dos efeitos de oposição da consciência paranoica” entre os processos de união dos pais na cena primitiva, a introdução da criança na mesma e a posterior separação do casal (Rosolato, 1969, p. 238).

Como nos mostra Rosolato, a cena primitiva também engloba a questão da procriação, o que deriva da união parental. Freud em 1909 nomeou tais fantasias como romances familiares e, de acordo com Rosolato, atribuiu à paranoia a especificidade das mesmas. Há duas etapas no romance familiar: na primeira a criança substitui os pais por personagens idealizados dos quais acredita ser filha; já na segunda etapa, que comportaria a dimensão sexual, o verdadeiro pai é exaltado e as fantasias sexuais se dirigem à mãe, assim como a curiosidade infantil se direciona totalmente a ela. (Rosolato, 1969, p.238).

Rosolato também menciona as fantasias do duplo, que se articulam com as formações descritas anteriormente. O duplo seria uma criança idêntica ao sujeito, criada por ele mesmo e da qual é o dono. Rosolato menciona que Freud aproximou o duplo da castração e da morte, “morte já incluída na relação em espelho; permite conjurá-la, graças à imortalidade (da alma), duplo que ao retornar se converte também em imagem da morte (a inquietante estranheza)” (Rosolato, 1969, p.239). A temática do duplo em sua dimensão mortífera na paranoia será retomada no terceiro capítulo do presente trabalho.

Partindo do pressuposto de que a cena primitiva remete a um retorno à origem, mas também à triangulação edipiana, Rosolato discorre sobre as *dificuldades* nos processos de identificação que permeiam a paranoia. A identificação primária exigiria

um processo simultâneo em relação ao pai, identificação anterior a qualquer investimento objetal; e em relação à mãe, investida como objeto (Rosolato, 1969, p. 239).

Porém, na paranoia ocorre um favorecimento do eixo materno e uma carência em relação ao pai em função de uma dissimetria que provocaria a falha da identificação primária. “[...] no lugar da identificação primária ressurgem a fantasia na qual se acusam os contrários, ser e não ser, passividade e atividade, segundo as oposições instintivas” (Rosolato, 1969, p.239). Na busca ao redor do vazio ocasionado pela carência do pai, o paranoico se identificaria narcisicamente à mãe ou mesmo às imagens mistas da cena primitiva (Rosolato, 1969, p.239). “[...] parece que no paranoico os fenômenos estão centrados em uma situação traumática que depende diretamente de uma função paterna que vem se impor” (Rosolato, 1969, p.240). Dessa forma, o caso que supostamente contradizia a teoria freudiana a respeito da homossexualidade de base na paranoia poderia encontrar a sua explicação em tais elaborações a respeito da identificação narcísica regressiva à imagem materna, conforme o próprio Freud constatou em seu texto (Freud, 1915/2010, p.269-270).

Dessa maneira, vimos que a teoria da homossexualidade proposta por Freud em Schreber ganha nova significação a partir de falhas cruciais no processo identificatório num nível primário. A identificação narcísica regressiva à mãe, conforme foi abordado anteriormente, funciona de forma patológica na paranoia, contribuindo para uma grave indiferenciação entre o sujeito e os outros parentais em momentos iniciais da constituição psíquica. A seguir, veremos quais são as reverberações decorrentes dessas falhas iniciais para a constituição do ego na paranoia.

I.5 – O eu-historiador e a potencialidade psicótica

De acordo com Piera Aulagnier, inicialmente o psiquismo do *infans* se depara com representações pictográficas (oriundas do processo originário) e fantasmáticas (oriundas do processo secundário). Estas precederiam o surgimento do eu, instância cuja capacidade estaria voltada para a metabolização dessas representações arcaicas em ideativas, “algumas das quais ocuparão um lugar na memória que o eu guardará de seu passado” (Aulagnier, 1984b/1989, p.215).

A tarefa do eu será transformar esses *documentos fragmentados* numa construção histórica que dá ao autor e aos seus interlocutores a sensação de uma *continuidade temporal*. Só nessas condições poderá ligar o que é ao que foi e projetar no

futuro um devir que alia a possibilidade e o desejo de uma mudança à preservação dessa parte de “próprio”, de “singular”, de “não transformável”, para que não encontre no seu ser futuro a imagem de um desconhecido, que tornaria impossível para aquele que olha investi-la como a sua própria (Aulagnier, 1984a/1989, p.208).

Ao indagar sobre como o eu poderia representar momentos anteriores a sua própria atividade psíquica, Aulagnier (1984b/1989) mostra que a instância psíquica em questão precisará encontrar um caminho e uma voz no intuito de fundar a sua própria história: o eu, desde o seu advento se depara com uma pré-existência que a ele se impõe desde o primeiro momento de sua constituição. “Ao advir, o eu reconhece num mesmo movimento sua existência e a de um mundo que não apenas o precede, mas que, enigmaticamente, descobre *pré-investido* por ele mesmo” (Aulagnier, 1984b/1989, p. 215-216). Dessa forma, o eu se constitui em um espaço tanto psíquico quanto de discurso e de realidade; que precisa se sintonizar com uma série de injunções e contradições que precedem a sua própria existência (Aulagnier, 1984b/1989, p.216).

A autora ressalta a importância do processo identificatório no trabalho de historicização que o eu executa, “que transforma o inapreensível do tempo físico num tempo humano, que substitui um tempo definitivamente perdido por um discurso que fala dele” (Aulagnier, 1984a/1989, p.208). Discorre também sobre a tarefa de reconstrução que o eu-historiador terá, pois não se trata somente de reconstruir o passado em função do presente. A partir do discurso dos outros primordiais o eu-historiador precisará substituir certos relatos que dizem respeito ao conflito entre identificado e identificante e, posteriormente, entre o eu e seus ideais. Trocará então “[...] pelo relato do conflito que o opôs, e o opõe, à resposta que lhe enviaram e lhe enviam esses outros por ele investidos. É através da história da relação com os seus objetos que o eu constrói a sua própria” (Aulagnier, 1984a/1989, p.209). Sobre o processo identificatório, Piera Aulagnier ressalta que

O que é próprio ao percurso identificatório, enquanto um identificante permanece vivo, é nunca estar fechado, mas precisa conseguir se ancorar num ponto de partida fixo, descobrir seu sentido, na dupla acepção do termo, saber de onde vem, onde está, para onde vai. Este sentido que transforma o tempo físico em tempo humano só pode ser apreendido pela psique em termos de desejo: o que é o nosso passado próximo e distante senão a história reconstruída do desfile desses objetos que mantém viva na nossa memória a lembrança dos prazeres perdidos? Essa intrincação entre os fios do tempo e os fios do

desejo, graças à qual o eu pode ter acesso à temporalidade, só é possível se se der desde o princípio, a origem da história tem que coincidir com a origem da história do desejo (Aulagnier, 1984b/1989 p.221-222).

No que diz respeito à relação do eu com os seus objetos primordiais, a autora nos mostra que o eu, por não saber que a história que está em questão não abrange a totalidade do psiquismo, “[...] pode continuar ignorando a a-temporalidade e a imutabilidade dos objetos-fins pulsionais, e só conhecer e se reconhecer no movimento e na mudança própria aos objetos, alternadamente suportes de seus investimentos narcísicos e sexuais” (Aulagnier, 1984a/1989, p.209). Explicita também que é preciso que não somente um, mas que vários objetos possam desempenhar esse importante papel, a fim de que o eu consiga construir uma sólida posição de demandante. Esta é responsável pelo fato de o eu conseguir sustentar uma posição desejante: “[...] também é verdade que o eu só pode sustentar sua posição de desejante ocupando a de um demandante assegurado de que nunca lhe faltarão objetos para demandar” (Aulagnier, 1984a/1989, p.208-9).

O discurso materno se mostra fundamental para que o eu consiga construir uma história das experiências que o precederam. A partir da mãe, o *infans* tomará emprestadas as primeiras informações para a construção de sua própria história, ou seja, os primeiros enunciados identificantes que formarão as primeiras representações ideativas, em detrimento das pictográficas e das fantasmáticas. O discurso da mãe possui especial relevância para o relato da história do *infans*, pois marcará as experiências vividas por ele de acordo com o seu próprio colorido. Posteriormente essas significações serão apreendidas pela criança como um relato que diz respeito a esses momentos arcaicos de sua existência (Aulagnier, 1984b/1989, p.218).

Na psicose, como pontua a autora, as experiências relacionais podem ser compreendidas como tentativas do sujeito para buscar uma resolução de uma problemática identificatória situada em momentos arcaicos da constituição psíquica. Esta tentativa seria crucial, pois poderia garantir certa segurança quanto à questão da existência, tão precária e sem garantias na psicose. Tendo em conta a importância do processo de identificação para a compreensão da patologia citada, a autora sustenta que o psicótico busca uma significação, algo que confirme e fundamente a sua experiência sensorial. Dessa forma, o psicótico buscaria como resolução do conflito identificatório algumas referências fundamentais que o amparem, “para distinguir o tempo da vida do

tempo da morte, o passado do presente, e que lhe garantiriam, dessa forma, um direito de olhar e de gozo sobre seus próprios identificados” (Aulagnier, 1984b/1989, p.222-223).

Para Aulagnier (1984c/1989, p.227) somente seria possível pensarmos em uma psicopatologia a partir do entendimento do funcionamento da instância do eu. O trajeto fantasmático seria o mesmo para todos, repetindo determinada repetição figurativa. Porém, embora o eu não tenha poder ante esse roteiro, a autora mostra que essa instância é capaz de metabolizar “[...] a maior parte delas em representações relacionais, pelo seu trabalho de sublimação e/ou pela sua ação recaladora sobre as outras.” (Aulagnier, 1984c/1989, p.227).

No momento da ligação entre o eu e o objeto (através da recusa ou expectativa), caso haja um movimento excessivo na direção da atração ou da fuga, por exemplo, poderia se instaurar uma resposta psicopatológica do eu frente a esses encontros conflitantes. Nesse momento, designado T2 no raciocínio teórico de Aulagnier, se instala a potencialidade, que engloba a série de respostas e defesas do eu frente ao conflito no encontro com o objeto. “O conceito de potencialidade engloba os ‘possíveis’ do funcionamento do eu e de suas posições identificatórias, uma vez terminada a infância” (Aulagnier, 1984c/1989, p.228). Dentre as potencialidades descritas pela autora, a que nos interessa especialmente é a que ela denomina potencialidade psicótica cuja exploração nos permitirá avançar na pesquisa sobre a paranoia.

Mostra a autora que na psicose, através do estabelecimento da potencialidade o eu haveria conseguido se estabelecer minimamente, “Isto supõe que pôde emendar novamente sua primeira fissura, correr o risco de mudar, de se auto-modificar, sem temer muito o seu próprio encaixe” (Aulagnier, 1984c/1989, p.228). Porém, trata-se de um arranjo frágil, constantemente ameaçado pela desintrição. O psicótico então recorreria a dois mecanismos específicos para evitar a morte psíquica:

- a idealização do poder atribuído a uma *instância externa e encarnada* geralmente pela mãe; instância que é a única a poder preservar esta reunificação, mas também opor-se a ela;
- a auto-proibição que se impõe ao eu a respeito de toda informação que poderia lhe demonstrar o abuso de poder que exercem contra seu pensamento, desvelar para ele que nenhum sujeito tem o direito de ser o único a poder lhe garantir ou recusar seu lugar no sistema de parentesco, nem o de decidir sobre o movimento ou a detenção do tempo (Aulagnier, 1984c/1989, p.228).

A questão da potencialidade proposta por Piera Aulagnier envolve, dentro da psicopatologia, uma previsibilidade que poderá ser compreendida a partir da teoria que propõe. Segundo Sophie de Mijolla-Mellor (1998, p.39), essa dimensão da previsibilidade estaria presente no conceito de potencialidade psicótica em dois níveis: o primeiro seria a relação estabelecida entre a história e a pré-história do sujeito, o que evocaria um sentido temporal entre passado e presente, e, paralelamente, um questionamento na relação entre o presente e o futuro; o segundo ponto remeteria à questão aristotélica entre potência e ato, em que seria possível haver alguma condição em potencial, mas que não despertaria a atualização de tal potencialidade. Dessa forma seria possível pensar em um núcleo psicótico passível de se atualizar ou não em uma psicose, questão, como mostra Mijolla-Mellor, de caráter mais amplo na obra de Piera Aulagnier.

É importante ressaltar a noção de pensamento delirante primário, conceito fundamental na obra de Aulagnier e, de acordo com Mijolla-Mellor (1998, p.41), interdependente do conceito de potencialidade psicótica. Como nos mostra Violante (2001, p.79), o pensamento delirante primário consiste na busca de respostas pela via da interpretação que o Eu promove a fim de dar sentido à sua própria existência. A partir dele o sujeito edifica uma série de construções que dão significações a certos elementos intrapsíquicos e externos. No caso da psicose, haveria um enquistamento dessa propriedade estruturante do pensamento delirante primário e a potencialidade psicótica surgiria como solução a esse conflito tão precoce e excessivo ao trabalho psíquico do sujeito psicótico (Mijolla-Mellor, 1998, p.41).

A autora destaca também a noção de potencialidade psicótica como uma alternativa ao autismo infantil e à escolha pela morte psíquica. Dessa forma, a potencialidade psicótica poderia ser compreendida como falha instaurada em uma temporalidade que ultrapassa a oposição entre infância e idade adulta – falha que, por sua vez, remeteria o sujeito psicótico sempre ao delírio diante da situação de conflito (Mijolla-Mellor, 1998, p.42).

Dessa forma, na psicose haveria um enquistamento do pensamento delirante primário frente a um discurso parental que se revela insuficiente sobre a própria existência do sujeito. A reconstrução delirante adviria onde o Eu não consegue buscar um sentido para a sua própria existência. Logo, é possível compreender a paranoia a partir dessa falha inicial da instância egoica em pensar a sua própria história. O sujeito paranoico responde através do ódio e da destruição ao tentar atribuir significação à sua

história. Ao projetar seu conflito no mundo externo e instituí-lo como regente das suas relações pessoais, o paranoico coloca o conflito entre a sua existência e o mundo como *leitmotiv* de sua vida psíquica (Mijolla-Mellor, 1998, p.44). Por fim, Violante (2001) nos mostra que, por conta do pensamento delirante primário “[...] o Eu do paranoico mantém um acesso ao campo da significação, criando um sentido no qual o discurso do outro o confrontou com um enunciado ausente ou sem sentido” (Violante, 2001, p.90).

Dessa maneira, vimos a importância que Piera Aulagnier atribui aos processos identificatórios que estão na base da constituição egoica. Por conta de falhas nesse importante processo de assimilação do outro, a função historiadora do eu não conseguiria atuar devidamente: a construção delirante, por sua vez, seria uma tentativa de resolução perante a falha da identificação primária quanto a atribuir um sentido à própria existência do eu. Faz-se necessário, porém, um estudo aprofundado a respeito do conceito de narcisismo e identificação narcísica, a fim de buscarmos uma compreensão complexa da paranoia e das falhas narcísicas que estariam englobadas nessa impossibilidade de assimilação do outro como semelhante. Prosseguiremos então para um estudo aprofundado sobre a conceituação do narcisismo por Freud no intuito de averiguar o papel que a paranoia ocupou para o desenvolvimento de tal conceito, assim como buscar um maior entendimento a respeito da especificidade da formação do ego na paranoia e na compreensão de que maneira tais falhas nessa estruturação são determinantes na patologia estudada.

Capítulo II

A problemática do narcisismo na paranoia

A conceituação do narcisismo em 1914 constituiu um marco importante na teoria psicanalítica. Embora o conceito já houvesse aparecido em textos anteriores de forma relevante, é a partir da “Introdução ao Narcisismo” que Freud conceitua o narcisismo e a sua importância na constituição da tópica. O eu passa a funcionar não só como uma instância, mas também como objeto passível de investimento libidinal, operando sempre nessa dupla posição. Também é da nova ação psíquica que Freud postula o eu como um organizador da força pulsional. Também é a partir da economia libidinal proposta por Freud que será possível uma nova leitura a respeito da questão do estabelecimento da alteridade entre o eu e o outro.

É notável que a construção do conceito de narcisismo seja amparada por duas graves patologias, a melancolia e a paranoia. Esta última, objeto de estudo do presente trabalho, é muito cara à teoria do narcisismo, como é possível perceber na teoria da homossexualidade formulada a partir do Caso Schreber. Levando em conta que Freud já havia ensaiado o conceito de identificação narcísica à mãe em seu texto sobre Leonardo da Vinci, é possível buscar compreensão aprofundada da paranoia a partir das falhas dos processos identificatórios na paranoia e da prevalência de uma identificação narcísica regressiva à mãe.

Faremos uma breve revisão da teoria do narcisismo e do conceito de identificação narcísica em um primeiro momento, a fim de compreender as importantes repercussões para a compreensão da paranoia. Posteriormente, inspirados pela questão da sombra do objeto introduzida em seu estudo sobre a melancolia, visitaremos o texto de 1919, intitulado “O Estranho”. Por fim, nos deteremos em autores que ampliaram a noção de duplo na teoria psicanalítica ao explicitarem a sua íntima relação com o narcisismo primário e sua importância para a constituição psíquica. Acreditamos que a noção do duplo introduzida neste último trabalho será importante chave de leitura para compreendermos as falhas narcísicas no âmbito primário na paranoia.

II.1 – O narcisismo antes de 1914

É possível observar o interesse de Freud a respeito do narcisismo em variados textos antes de sua conceituação sistemática em 1914. Pretendemos, portanto, fazer um breve percurso no intuito de assinalar a importância que o narcisismo ocupa no pensamento do autor, assim como as eventuais mudanças ocorridas no caminho teórico por ele trilhado. Privilegiaremos a dimensão patológica que a alteridade assume na paranoia pela via dos processos de identificação que permeiam essa organização subjetiva. Privilegiaremos, portanto, o campo da relação primária e as falhas que ocorrem durante a integração egoica, bem como o da organização da tópica psíquica. Dessa forma, faz-se necessário um retorno aos conceitos freudianos de narcisismo e identificação narcísica, uma vez que são cruciais para o entendimento da problemática da relação entre o eu e o outro, que assume dimensão patológica na paranoia.

Conforme demonstra Françoise Neau (2004, p.8), as premissas da elaboração do narcisismo já são encontradas em textos anteriores a 1914, embora não fosse possível pensá-lo como originário. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) Freud trabalhava com a teoria de que o autoerotismo, primeiro tempo da sexualidade, seria fundado pela noção de apoio das pulsões sexuais nas necessidades de autoconservação.

Em uma nota de rodapé a esse texto é possível perceber uma das primeiras tentativas de Freud de delineamento do narcisismo, ao propor uma explicação a respeito da escolha de objeto amoroso na homossexualidade, tema que será abordado posteriormente, em 1910, no trabalho a respeito de Leonardo da Vinci. Na nota citada, é possível destacar alguns aspectos que apontam para algumas ideias que serão desenvolvidas posteriormente na teoria do narcisismo, tais como a compreensão do ego como objeto passível de investimento libidinal e a identificação como modelo do narcisismo.

Tarelho ressalta a importância da carta de Freud a Fliess de 1899, onde introduz as ideias a respeito da escolha da neurose e o autoerotismo. Destacamos também a menção à paranoia em relação ao autoerotismo e ao plano identificatório.

Entre os estratos da sexualidade, o inferior é o autoerotismo, que renuncia a uma meta psicosexual e que reclama sensações localmente satisfatórias. Depois dele vem o aloerotismo (homo e heteroerotismo), porém é certo que persiste como uma corrente particular. A histeria (e sua variedade, a neurose obsessiva) é aloerótica, sua via principal é a identificação com a pessoa amada. A paranoia torna a dissolver a identificação, restabelece todas as pessoas amadas da infância que haviam sido abandonadas (cf. minhas elucidaciones sobre os sonhos de exibição) e dissolve o próprio ego em pessoas estrangeiras. Assim, cheguei a considerar a paranoia como um assalto da

corrente autoerótica, como um retrocesso ao ponto de vista de outrora. A formação perversa correspondente a ela seria o que se conhece como “loucura idiopática”. Os vínculos particulares do autoerotismo com o ego originário esclarecem bem o caráter dessa neurose. Nesse ponto o fio torna a perder-se (Freud, 1899/2010, p.322).

É possível perceber aqui uma série de contribuições importantes para a teoria psicanalítica, como a introdução da importante noção de autoerotismo. A respeito da paranoia é importante destacar a compreensão de Freud quanto à etiologia da psicose como uma fixação a um estado inicial da sexualidade, fato retomado na exposição sobre Schreber, mas já com a terminologia da teoria do narcisismo. Tarelho (1999, p.27) sublinha que a paranoia, anteriormente pensada como resultado de traumatismo tardio, agora poderia ser compreendida como um ponto de fixação concebido como anterior ao da histeria e da neurose obsessiva. A compreensão da paranoia, complexificada a partir da introdução da noção de autoerotismo coloca em evidência o narcisismo, mesmo que ainda não seja nomeado como tal por Freud, e também a sexualidade precoce, visto que a paranoia passa a ser entendida a partir da fixação em uma dimensão autoerótica.

Tarelho observa que, após a citada carta a Fliess a paranoia seria “esquecida” por Freud durante algum tempo. As discussões de 1905 sobre o autoerotismo não fazem menção às contribuições citadas no texto de 1899 a respeito da paranoia, o que, para Tarelho, impede que a reflexão sobre a paranoia se beneficie dos avanços trazidos durante o desenvolvimento dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. “É o caso, por exemplo, da relação traçada entre o autoerotismo e a fantasia, que é implicitamente pressuposta onde Freud liga o chuchar à rememoração de um prazer vivido anteriormente (Tarelho, 1999, p.27). Ainda cita o papel da mãe como objeto sexual que precede o próprio corpo, que desperta o prazer. Esses dois fatores são destacados por Tarelho como tributários da teoria da sedução, que não teria sido esquecida por Freud mas mantida “em conserva”.

Posteriormente Freud retomará a discussão a respeito da psicose paranoica a partir de 1907, através do contato com Jung, Abraham, Ferenczi e Sadger; algumas razões citadas por Tarelho em relação a esse hiato seriam a falta de dados clínicos, a falta de interlocutores, a agressividade das críticas advindas de adversários e a insuficiência conceitual (1999, p.28).

Apesar da dificuldade em traçar com exatidão qual seria o motivo do suposto silêncio com relação à paranoia nos escritos freudianos, Tarelho sublinha um fator importante que pode ter influenciado Freud a retomar o estudo sobre essa patologia: a

conturbada relação com Fliess, outrora grande amigo de Freud e, posteriormente, a sua ruptura por conta do desenvolvimento de uma paranoia. “O que a sua própria correspondência nos revela é que, mais tarde, ele [Freud] atribuirá a Fliess sua compreensão sobre a relação entre a paranoia e a homossexualidade” (Tarelho, 1999, p.28).

As discussões de 1906 que aconteceram na Sociedade de Psicanálise de Viena a respeito da megalomania embasam a retomada de Freud a respeito da problemática da paranoia. Trata-se de uma conferência acerca da megalomania nas mulheres, em que Freud apresenta o caso de uma paciente paranoica que apresenta delírios de ciúmes e erotomania. Nessa exposição, Tarelho sublinha o comentário de Freud a respeito do caráter regressivo presente no funcionamento paranoico: haveria regressão libidinal do amor objetual ao autoerotismo (Tarelho, 1999, p.29).

Em 1907 Freud apresenta a sua tese a respeito da relação entre o autoerotismo e a psicose ao seu amigo Jung, e envia-lhe um manuscrito a respeito da etiologia autoerótica da paranoia. Tarelho demonstra que, após afirmar a natureza autoerótica da pulsão sexual em sua origem, Freud afirma que na paranoia o investimento libidinal seria retirado do objeto. Tarelho discorre a respeito das contribuições freudianas acerca da paranoia, relatando que a hostilidade presente na patologia citada reforça a tese da retirada da libido do objeto; tal investimento retornaria ao ego paranoide, que se tornaria megalomaniaco (1999, p.29). Tal problemática seria abordada mais tarde por Freud em seu estudo sobre a biografia de Schreber, onde ensaia tal movimento libidinal ao falar da questão narcísica no caso.

Em 1908, Freud introduz um fator inovador na reflexão a respeito da paranoia: trata-se do papel da homossexualidade na sua etiologia. Destaca a discussão que envolve um trabalho de Adler na Sociedade de Psicanálise de Viena, em que sublinha o caráter homossexual do caso apresentado por este. Posteriormente, ao ser indagado por Ferenczi a respeito de uma mulher que sofria de delírio de ciúmes, Freud também sublinha o papel patogênico que uma fixação homossexual desempenharia na paranoia (Tarelho, 1999, p.31). Trata-se de uma tese refutada por um de seus discípulos, Jung, mas que encontra em Abraham grande abertura a respeito da etiologia sexual no cerne da paranoia.

Tarelho assinala que a tese da homossexualidade na base de determinação da paranoia radicaliza a contradição presente na relação entre paranoia e autoerotismo: havia necessidade cada vez maior de distinguir o mecanismo atuante na paranoia do

mecanismo da esquizofrenia. Se nesta patologia a fixação ao autoerotismo seria uma via para explicar o deslocamento da libido objetal, no caso da paranoia a homossexualidade poderia ser entendida como um ponto de fixação próprio e determinante da patologia; dessa forma estabelece-se uma ligação íntima entre narcisismo, paranoia e homossexualidade. Tarelho destaca a importância do trabalho de Sadger em 1908 a respeito da relação entre narcisismo e amor objetal, e uma reflexão a respeito da identificação inicial à mãe (Tarelho, 1999, p.32).

Posteriormente Freud atribuirá ao narcisismo o valor de um estado do desenvolvimento libidinal em que haveria a fixação da libido homossexual, por sua vez necessária na passagem do autoerotismo ao amor objetal. Tarelho ainda sublinha o papel do recalque da figura materna que aparecerá na obra freudiana. “O mais importante, a nosso ver, para a compreensão de sua obra, são as contribuições concernentes à participação do recalque da mãe na homossexualidade [...]” (Tarelho, 1999, p.32).

A questão da homossexualidade e da identificação narcísica à mãe é explorada por Freud em seu estudo a respeito de Leonardo da Vinci. Freud relata a ligação intensa que Leonardo tem com sua mãe na primeira infância e as implicações que tal vínculo traz no nível identificatório. Discorre também a respeito da ação do recalque em relação ao amor dirigido à mãe; por sua vez, a criança ao recalcar o amor pela mãe se identifica com ela e “[...] toma a si próprio como modelo a que devem assemelhar-se seus novos objetos de amor” (Freud, 1910/2010, p.93). Tal fato, para Freud, estaria no cerne da escolha homossexual de objeto.

Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele ama agora, já crescido, são apenas figuras substitutivas e novas versões de sua própria pessoa infantil, e os ama como a mãe o amou quando era uma criança. Dizemos que encontram seus objetos de amor pela via do narcisismo, pois a saga grega menciona um jovem Narciso, a quem nada agradava tanto como a sua própria imagem refletida no espelho e foi se transformando em uma bela flor com esse nome (Freud, 1910/2010, p.93).

Freud ainda enfatiza a fixação presente na homossexualidade na imagem mnêmica materna; o amor dirigido à mãe, ao ser recalcado seria conservado na esfera inconsciente, fazendo com que o homem permaneça fiel a ele. Para o autor, a busca por outros rapazes seria uma tentativa de fuga das outras mulheres que poderiam macular o

amor materno recalcado. Dessa forma, o mecanismo descrito por Freud a respeito da homossexualidade denunciaria uma identificação de ordem narcísica que teria um ponto de fixação na figura materna, oriundo do recalçamento do amor dirigido a esta (Freud, 1910/2010, p.94).

A respeito da homossexualidade em Leonardo da Vinci, Jean Florence demonstra que Freud faz importante articulação entre identificação e escolha do objeto sexual. Para Florence, Freud compreende a homossexualidade de Leonardo da Vinci como efeito da identificação com a mãe, esta precocemente sedutora. Nesse sentido, a posição homossexual de Leonardo estaria associada a uma transferência de uma relação arcaica oral para a cena fantasmática inconsciente.

[...] o que a escolha sexual posterior repete é uma ‘relação’ originária, mantida como tal, pela identificação, no recalçamento. Da Vinci procurava nos parceiros sexuais a imagem do que tinha sido, em criança, para sua mãe. A identificação com a mãe permite esquecer a mãe histórica como objeto incestuoso, conservando-a eternamente em cada ligação amorosa, em cada impulso homossexual (Florence, 1987, p.128).

Essa identificação seria narcísica porque a libido dirigida ao objeto se tornaria narcísica ao se voltar para o ego. Essa relação incestuosa afeta a vida de da Vinci; mas a relação do artista com suas obras é marcada pelo abandono, assim como seu pai o tratava quando criança. “Notemos, enfim, que a identificação é a incorporação de uma ‘relação’ sexual, de uma atividade: é no nível da fantasia que ela exerce seus efeitos” (Florence, 1987, p.128).

É importante ressaltar, no entanto, a diferença entre o esquema proposto no texto a respeito de Leonardo da Vinci e as contribuições descritas a respeito do caso Schreber. Tarelho sublinha que no primeiro tratado de Freud há um estudo a respeito da psicogênese da homossexualidade, em que a mãe desempenha papel central. Logo, como vimos anteriormente, a fixação à figura da mãe seguida de identificação narcísica é abordada como central no texto, assim como o caráter sedutor da mãe e um excesso de ternura abordado por Freud.

Todos os nossos rapazes homossexuais mantiveram em sua primeira infância, esquecida posteriormente pelo indivíduo, uma ligação erótica muito intensa com uma pessoa do sexo feminino, por regra geral a mãe, provocada ou favorecida pela hiperternura da mãe mesma e sustentada, depois, por um afastamento do pai na vida infantil (Freud, 1910/2010, p.92).

A partir do Caso Schreber o narcisismo é considerado como um estado do desenvolvimento libidinal, “[...] visto que se considera o amor narcísico não mais como um tipo de escolha de objeto, mas como um estado da evolução sexual, entre o autoerotismo e o amor de objeto” (Neau, 2004, p.9). A autora menciona a relação entre da Vinci e Schreber no que tange à fixação da escolha homossexual de objeto. Schreber, nesse sentido, por recalcar o desejo homossexual por seu perseguidor, retiraria o investimento libidinal do objeto, que retornaria sobre o próprio eu, como percebemos pelos delírios de grandeza. “Para Freud, os paranoicos permanecem fixados no estado do narcisismo e se caracterizam por uma regressão libidinal que os faz retornar da homossexualidade sublimada ao narcisismo” (Neau, 2004, p.9).

A homossexualidade no âmbito narcísico passa a ocupar lugar central na compreensão da constituição psíquica da paranoia. Seria uma tentativa de distinção da fixação ao autoerotismo presente na demência precoce, manifesta através do desligamento total da libido objetal. Nesse contexto, a teoria da homossexualidade surge de uma necessidade de buscar outro ponto de fixação para explicar a paranoia, distinguindo-a da esquizofrenia (Tarelho, 1999, p. 31). Remetemos o leitor ao primeiro capítulo do presente trabalho para uma exposição mais detalhada a respeito da compreensão da tese da homossexualidade desenvolvida por Freud no caso Schreber. Dessa maneira, veremos a seguir quais são as rupturas provocadas em 1914, quando Freud escreve o tratado sobre o narcisismo à luz de graves patologias, tais como a esquizofrenia, a paranoia e a melancolia.

II.2 – A conceituação do narcisismo em 1914

Através da correlação entre o narcisismo e a instauração do ego Freud abre uma nova via de compreensão para a etiologia das psicoses. Com a sistematização do narcisismo como processo organizador do ego em detrimento à concepção de um estado do desenvolvimento libidinal, é possível formular uma hipótese em que a problemática da psicose seja ligada à própria formação do ego. Tarelho sublinha que a partir desse momento abre-se também um caminho para pensar a sexualidade do outro na origem desse processo de instauração egoica (1999, p.55).

Diferentemente do texto a respeito de Schreber, onde o narcisismo aparece como um estado do desenvolvimento libidinal entre o autoerotismo e a escolha do objeto, no qual o paranoico estaria fixado, o texto de 1914 opera grande mudança. O narcisismo passa a ser compreendido como um processo organizador de um modo de

funcionamento que remete à unidade e à constituição libidinal do ego a partir do amor a si próprio.

O narcisismo adquire um estatuto diferente do que Freud havia proposto anteriormente, seja como uma passagem do autoerotismo para a escolha de objeto, seja como um desenvolvimento da organização libidinal. O narcisismo é conceituado por Freud como uma “nova ação psíquica”, que abre a possibilidade de integração entre o autoerotismo e os impulsos libidinais; o eu não se encontra presente desde o início, é preciso que seja investido primeiramente para que seja constituída uma unidade egoica (Freud, 1914/2010, p. 74). Dessa forma, o narcisismo seria uma ação psíquica que possibilitaria a entrada no mundo da relação de objeto, ou seja, o investimento em um objeto distinto do próprio eu.

A teoria do narcisismo permite repensar o eu a partir da dimensão sexual, como reservatório de libido. Freud, ao se interpor a respeito das psicoses (como nos casos de mania e delírio de grandeza) da hipocondria e da onipotência de pensamento nos povos ditos primitivos postula que haveria um investimento originário no eu que possibilitaria assim a sua integração. A nova economia libidinal proposta por Freud também avançava a primeira teoria pulsional, que opunha a autoconservação à sexualidade, o que permite pensar uma nova abordagem da constituição das fronteiras psíquicas e, assim, abriam-se outras vias para a concepção psicopatológica.

O ponto de vista econômico destacado por Freud entre libido narcísica e libido objetual tomava a psicose e a hipocondria como modelo central: na psicose, a libido não permanecia ligada a objetos como na neurose, como o delírio de grandeza denuncia. Portanto, se o eu é passível de investimento libidinal, é possível constatar que há uma complexificação em relação à primeira dualidade pulsional. Como esclarece Françoise Neau (2004), o eu se desenvolve e se constitui como objeto de amor narcísico a partir da conjunção entre as primeiras satisfações sexuais autoeróticas e as necessidades de autoconservação.

A partir da concepção de uma economia libidinal, é possível pensar nos percursos da libido entre o eu e o objeto como uma balança, que tende ora para um lado ora para outro. Dessa maneira, o eu é entendido como um reservatório de libido de origem narcísica, que posteriormente poderia ser investida em outros objetos que não o próprio eu. Freud (1914/2010 p.84) a partir da concepção econômica postula duas formas de investimento objetual: o modelo anaclítico ou de apoio, em que o sujeito se apoia em seus primeiros objetos (mãe e seus substitutos); e o modelo narcisista, em que

o investimento libidinal estaria voltado para o próprio eu (o que se foi, o que se é ou o que se deseja ser). A escolha narcísica do objeto a partir de um investimento maciço libidinal no eu como organização patológica será abordada de forma aprofundada em 1917 com o estudo da identificação narcísica em “Luto e Melancolia”, texto que será abordado adiante.

Como demonstra Tarelho, a mudança de perspectiva inaugurada por essa nova interpretação do narcisismo permitiria uma nova compreensão da paranoia e das psicoses de maneira geral. A partir das contribuições de 1914 seria possível ligar o fator etiológico dessas patologias aos processos de instauração egoica, que por sua vez estariam vinculados ao narcisismo (1999, p.56).

[...] É uma suposição necessária que não está presente desde o começo no indivíduo uma unidade comparável ao ego; o ego tem que ser desenvolvido. Mas, as pulsões autoeróticas são iniciais, primordiais; portanto, algo tem que agregar-se ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua (Freud, 1914/2010, p.74).

A respeito do célebre trecho citado anteriormente, Tarelho enuncia duas razões que demonstram a sua importância: a primeira seria o estabelecimento da relação entre o ego e o narcisismo. “[...] estabelece uma relação de dependência recíproca entre a gênese do ego e a formação do narcisismo, de tal maneira que a questão do narcisismo se torna inseparável daquela do ego” (1999, p.57). A segunda razão citada pelo autor seria a passagem do funcionamento autoerótico ao funcionamento narcísico, que dependeria de uma nova ação psíquica; o autor aproxima esse momento instaurador ao recalque originário, inspirado nas contribuições de Freud a partir do caso Schreber (Tarelho, 1999, p.57).

Freud, ao escrever o caso Schreber, recorre ao mecanismo do recalque para explicar o desinvestimento no mundo externo e a fuga através do delírio de fim de mundo. Este seria uma projeção da catástrofe interna causada pelo desligamento libidinal do ambiente e das pessoas que o rodeiam. “O sepultamento do mundo é a projeção desta catástrofe interior; seu mundo subjetivo foi sepultado desde que ele lhe subtraiu o seu amor” (Freud, 1911/2010, p.65). Também é no caso Schreber que Freud associa o processo de recalque ao desligamento libidinal das pessoas que outrora foram amadas pelo paranoico; tal libido se tornaria narcísica e se apresentaria na forma de delírio de grandeza.

Tarelho faz uma aproximação que merece destaque a respeito da relação entre recalque, paranoia e recalque originário; trata-se de uma aproximação que não foi feita por Freud, mas que enriquece a compreensão acerca da constituição do psiquismo na paranoia. O autor diz que na paranoia haveria insuficiência ou ausência do mecanismo do recalque. “É como se o paranoico tivesse necessidade, como dizemos, de operar uma separação das imagos parentais que ele falhou em realizar em um momento de sua própria infância, aonde isso seria indispensável à diferenciação das instâncias psíquicas” (Tarelho, 1999, p.57).

Acreditamos que a via inaugurada por Tarelho a partir das contribuições de Laplanche a respeito do papel fundamental do outro na constituição psíquica é fecunda para o entendimento da paranoia. Veremos a seguir como o Caso Schreber é revisitado por Tarelho a partir da teoria do narcisismo e da compreensão de Laplanche a respeito do recalque originário para evidenciar a radicalidade persecutória que o outro assume na patologia em questão.

O recalque originário é colocado em relação direta com a formação do ego e a instauração da própria tópica psíquica. O desligamento libidinal operado pelo mecanismo do recalque mencionado por Freud a partir de Schreber é compreendido em estreita relação com a nova ação psíquica postulada no texto de 1914.

Com efeito, se estamos no direito de supor que o recalque originário está na base da instauração da tópica psíquica e que esta instauração implica um recentramento narcísico, nós podemos então dizer que a ideia do recalque como desligamento libidinal das pessoas amadas é fecunda nesse contexto. A nosso ver, esse desligamento operado pelo recalque pode ser relacionado à nova ação psíquica que Freud coloca na origem do narcisismo e do ego. Esse desligamento pode ser considerado como a condição do recentramento narcísico do qual depende a constituição tópica do ego (Tarelho, 1999, p.58).

Inspirado pelas contribuições de Laplanche a respeito do papel constitutivo da sexualidade do outro na constituição psíquica, Tarelho retoma a ideia de apoio presente desde cedo na obra freudiana e retomada sob a égide do narcisismo em 1914. Desde 1905 Freud concebe que as primeiras experiências de satisfação sexual seriam vividas entrelaçadas com as funções vitais que garantem a sobrevivência do indivíduo. Dessa maneira, as pulsões sexuais se apoiam, em um primeiro momento, nas pulsões do ego e, posteriormente, se tornam independentes delas. Ao retomar a ideia de apoio no texto sobre o narcisismo, Freud discorre a respeito da escolha objetual por apoio, ou seja, tais

pulsões sexuais continuariam a se apoiar nas pessoas que proporcionam os primeiros cuidados ao bebê. Dessa maneira, a mãe ou seus substitutos se tornariam os primeiros objetos sexuais da criança, que estabelecem certos modelos para escolhas objetais posteriores (Freud, 1914/2010, p.84).

Também é importante ressaltar que, a partir da compreensão do ego como instância passível de investimento, ou seja, banhada pela dimensão sexual, há uma ruptura com o primeiro dualismo pulsional. Cabe mencionar que no texto de 1905, previamente abordado, Freud desenvolve a teoria do apoio, que diz respeito ao apoio das pulsões sexuais nas necessidades de autoconservação, que desemboca, por sua vez, na fundação do autoerotismo. Trata-se de uma concepção da pulsão sexual como desviante, pois precisaria confundir-se primeiramente com as necessidades para depois se tornar independente e tomar um objeto (Garcia-Roza, 1995/2011, p.41).

Trata-se de uma concepção distinta em relação ao outro da autoconservação, anteriormente concebido como objeto parcial. O outro não seria somente aquele que alimenta e protege, mas também exerce um papel total e ativo nos cuidados com a criança. Tal relação de apoio apela à sexualidade do outro, uma vez que através da ternura transmitida no contato com a criança também se transmitem conteúdos sexuais de ordem inconsciente. A partir das contribuições de Laplanche a respeito da teoria da sedução generalizada, Tarelho compreende que a mensagem do outro veiculada por meio dos cuidados envolvidos pela ternura teriam impacto importante no corpo da criança, que serviriam de ponto de partida para a ideia de apoio (Tarelho, 1999, p.59).

A noção de apoio, por sua vez, permite compreender a relação originária entre a criança e os outros parentais que a cercam e desempenham papel ativo e constituinte que não se limita exclusivamente à autoconservação. Trata-se de um plano inseparável da sexualidade recalcada dos próprios pais, que é transmitida inconscientemente por meio dos cuidados dirigidos à criança. “Assim, através dos cuidados e da ternura, os pais inscrevem no ego corporal da criança certos traços de suas sexualidades que eles próprios desconhecem, pois são aspectos de suas sexualidades inconscientes” (Tarelho, 1999, p.59).

Seriam exatamente essas mensagens parentais que contêm traços da sexualidade recalcada dos pais que levam a criança a ensaiar um movimento de separação. Tais elementos despertariam angústia na criança, uma vez que seu psiquismo não possui recursos psíquicos nem físicos para lidar com tais estímulos. Esse espaço de

heteronomia e heterogeneidade precisaria ser mantido a certa distância por ser sentido como perigoso pelo psiquismo em formação da criança (Tarelho, 1999, p.60).

Dessa maneira, a ideia introduzida pelo autor a partir das contribuições de Laplanche nos mostra que o recalque, compreendido como um desinvestimento libidinal, por sua vez implica um investimento narcísico no ego. Tal processo é necessário no sentido de desalojar a alteridade instaurada pelas mensagens enigmáticas dotadas de conteúdos sexuais recalcados que ameaçam a sobrevivência do psiquismo infantil. “[...] o investimento narcísico do ego pressupõe o desinvestimento de um espaço de alteridade constituído pelos traços deixados pela sexualidade dos pais” (Tarelho, 1999, p.60).

Seguindo o raciocínio indicado por Tarelho, o autoerotismo poderia ser compreendido como um primeiro passo do processo de separação; seria a primeira tentativa de distanciamento e de simbolização da fantasia implantada pelos pais no eu-corporal da criança, o que o autor intitula como *primeira ação psíquica* em alusão ao termo freudiano (Tarelho, 1999, p.60). Porém, essa tentativa ainda estaria ao lado da dispersão das pulsões parciais e das zonas erógenas, ainda isoladas de forma não integrada.

A formação do ego como unidade capaz de se representar se dá a partir do narcisismo, no qual a atuação do recalque originário como *nova ação psíquica* é fundamental. Como vimos, o movimento de desinvestimento libidinal das pessoas amadas, operado pelo recalque, também implica uma retomada econômica para o ego. “O narcisismo, nesse sentido, não seria somente um momento de *unificação*, mas também, e pode ser antes de tudo, um momento de fechamento” (Tarelho, 1999, p.60). Tal momento de fechamento é descrito como um distanciamento necessário à constituição do ego como instância em relação à intromissão da sexualidade recalcada dos pais.

As contribuições de Tarelho permitem uma compreensão ampliada acerca da problemática narcísica da paranoia a partir das falhas do psiquismo em se desligar dos elementos enigmáticos de ordem sexual. Essas mensagens, emitidas pelos pais a partir da ternura dos primeiros cuidados, teriam ação disruptiva que não seria passível de recalque. Tais elementos permanecem enquistados no psiquismo como estrangeiros que impossibilitam a criação de uma interioridade protegida pela ação do recalque como organizador da tópica. Seria possível atribuir tais falhas no estabelecimento da alteridade interna e externa a uma precariedade nos processos identificatórios na

constituição psíquica? Qual seria a especificidade da identificação primária na assimilação do outro na paranoia? Acreditamos que o conceito de identificação narcísica proposto por Freud em “Luto e Melancolia” constitui como uma via de trabalho importante para a teoria do narcisismo e para a compreensão das falhas narcísicas que estão em jogo na paranoia.

II.2.1 – Identificação narcísica e sombra do objeto

A melancolia funciona como paradigma importante para repensar a escolha narcísica de objeto a partir do modelo da identificação narcísica. Considerado um desdobramento das contribuições de 1914, em “Luto e melancolia” há um grande esforço de Freud em propor um modelo melancólico de funcionamento psíquico, em que a identificação narcísica ocupa papel central. Tal mecanismo implicaria uma dificuldade patológica na elaboração do luto do objeto perdido, o que apontaria para indiferenciação na relação primária entre o eu e o outro. A partir desse texto destacaremos sua importância na conceituação da identificação, mais especificamente a de dimensão narcísica.

Freud afirma que houve uma escolha de objeto no caso do melancólico, e teoriza uma explicação econômica para a organização psíquica. Em virtude de uma decepção a relação com o objeto foi abalada; porém, o percurso de reinvestimento em outro objeto se dá de uma forma diferente no sujeito melancólico. Por conta do fraco investimento no objeto, a libido livre se retira para o eu, o que ocasiona uma identificação do eu com o objeto abandonado. “[...] a sombra do objeto caiu sobre o ego, que então pôde ser julgado por uma determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado.” (Freud, 1917 [1915]/2011, p.61). Freud então expõe a consequência dessa identificação ao objeto amoroso abandonado: “Assim, a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação” (Freud, 1917 [1915]/2011, p.61).

É importante ressaltar as contribuições de Otto Rank destacadas por Freud acerca da escolha objetal. Este autor levanta a importância do fato de a escolha objetal na melancolia ter sido feita sobre uma base narcísica; dessa forma, o sujeito regrediria para o narcisismo originário ao se confrontar com alguma dificuldade. De acordo com Freud:

A identificação narcísica com o objeto se torna então um substituto do investimento amoroso e disso resulta que, apesar do conflito, a relação amorosa com a pessoa amada não precisa ser abandonada. Tal substituição do amor objetual por identificação é um mecanismo importante para as afecções narcísicas (Freud, 1917 [1915]/2011, p.63).

Dessa maneira, é possível constatar que o investimento libidinal dirigido ao objeto é deslocado para outro lugar: retorna ao ego, juntamente com o objeto, que efetua um movimento regressivo à instância em questão para compensar a perda da relação objetual. Logo, a identificação narcísica ao objeto perdido se ampara em um processo de incorporação pelo ego, que não consegue elaborar a sua perda.

É importante levar em consideração os comentários que Freud tece ao discorrer sobre a possibilidade de suicídio na melancolia, fato intrinsecamente vinculado ao mecanismo de identificação narcísica. Freud mostra que, diferentemente da neurose, na melancolia o eu poderia matar a si próprio através do movimento de retorno do investimento libidinal. “[...] tratar-se como um objeto, se puder dirigir contra si a hostilidade que vale para o objeto e que representa a reação primordial do ego contra os objetos do mundo externo” (Freud, 1917 [1915]/2011, p.69). O objeto seria suprimido, mas teria se tornado mais poderoso que o eu em função da regressão à escolha narcísica de objeto, “[...] o ego é subjugado pelo objeto” (Freud, 1917 [1915]/2011, p.69).

Para Françoise Neau (2004, p.20), a identificação narcísica é uma forma de o melancólico conservar o amor pelo objeto perdido via incorporação canibalística, e compensar a perda da relação de objeto através da regressão melancólica que traz o objeto para o eu. Portanto, um conflito tópico é travado no ego: uma parte identificada narcisicamente com o objeto de amor e a outra que resiste e a ataca de forma incisiva. Logo, na melancolia a perda opera em um registro diferente do luto; trata-se de uma perda no âmbito do ideal, causadora de hemorragia libidinal que esvazia o eu do sujeito.

A identificação narcísica se caracteriza por uma introjeção do objeto que marcaria a gênese da homossexualidade masculina e do processo melancólico. Conforme vimos anteriormente, Freud ao analisar o caso de Leonardo da Vinci, postula que a identificação à mãe seria uma tentativa de conservar a mãe em seu interior através da identificação narcísica. Na melancolia a impossibilidade é de deixar de amar o objeto enquanto o próprio objeto é abandonado e se refugia no mecanismo de identificação narcísica (1917 [1915]/2011, p.20). Logo, seria esse último mecanismo uma forma extrema de incorporação canibalística do objeto amado, como tentativa desesperada de

manter o investimento amoroso. A melancolia será abordada em contraponto com a paranoia no terceiro capítulo do presente trabalho.

Para Florence, o texto “Luto e melancolia” atesta a preocupação que Freud tinha em traçar diferenciações entre formações psíquicas normais e patológicas. No texto citado a discussão se dá em torno do luto normal e patológico, no âmbito da melancolia, a partir do qual Freud desenvolve o conceito de identificação narcísica. “Pode-se dizer que a identificação melancólica é a forma fracassada da identificação simbólica com o ideal (identificação que chamei de totêmica)” (Florence, 1987, p.130).

A introjeção da relação ambivalente com o objeto na melancolia cliva o eu de forma patológica, uma vez que a identificação se dá de forma mortífera. A impossibilidade do luto na perda do objeto dá lugar a uma problemática sadomasoquista e delirante no cerne do ego, que escapa à realidade. “O próprio de uma identificação narcísica é conservar um vínculo em que o objeto e o eu são os duplos um do outro.” (Florence, 1987, p.131). A temática do duplo, sua relação com a identificação narcísica e o caráter patológico que ele pode assumir na paranoia e em outras patologias serão temas para o terceiro capítulo do presente trabalho.

Florence ainda destaca que a identificação narcísica é mais primitiva e seus efeitos têm grande importância na dinâmica psíquica, pois constituem o próprio eu e suas clivagens. “A identificação da homossexualidade masculina determina o eu em sua posição amorosa e mantém a relação incestuosa primitiva, ativa, mas recalcada.” (Florence, 1987, p.131). Por fim, o autor pondera que a identificação melancólica remete aos modos arcaicos de ambivalência; o eu seria clivado em uma parte sádica identificada ao objeto, e outra perseguida pela fantasia do objeto. “Em todos os casos, a identificação narcísica transforma uma relação de ter (um investimento de objeto diferente do eu) em uma relação de ser, mais originária (na qual o eu é o objeto).” (Florence, 1987, p.132).

Laplanche & Pontalis apontam para uma perspectiva genética do narcisismo e da identificação narcísica em que a constituição do ego como unidade psíquica se daria de forma correlata à constituição do esquema corporal. “Podemos ainda pensar que tal unidade de si mesmo segundo o modelo do outro, é que é precisamente o ego. O narcisismo seria a captação amorosa do sujeito por essa imagem.” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 288). Tal concepção estaria de acordo com as contribuições de Freud a respeito da identificação narcísica e seria desenvolvida por Lacan em 1949, a propósito do que intitulou “estádio do espelho”.

Lacan (1949/1998, p.97) diz que o estágio do espelho deve ser compreendido como uma identificação propriamente dita, “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. Ainda ressalta que a assunção de uma imagem especular pela criança é uma forma de o eu se precipitar em uma forma primordial a partir de uma matriz simbólica anterior à “dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua no universal, sua função de sujeito” (1949/1998, p.97).

Ao explicar acerca da constituição da função do ego, Lacan (1949/1998, p.100) pontua que o sujeito se constitui a partir de identificações e fantasias até alcançar uma ortopedia. Outrora uma imagem despedaçada, há então uma construção de uma imagem especular integrada a partir do olhar do Outro. Dessa forma o bebê apreende imaginariamente uma primeira imagem de seu corpo que estabelece uma relação entre ele e a realidade.

Sob os auspícios do estágio do espelho, podemos pensar a imagem especular como aquilo que confere limites ao mundo apreendido pela visão, ou seja, através de seu corpo o sujeito se relaciona com o mundo externo de forma a percebê-lo como algo diferente de si. Dessa forma, o imaginário para Lacan teria função mediadora, pois estaria associado à ortopedia da totalidade, enquanto o organismo despedaçado estaria do lado do ser real.

Roussillon enfatiza que o paradigma da melancolia trazido em 1917 por Freud permite uma série de reflexões a respeito da análise das patologias do narcisismo. Para o autor, Freud escreve “Luto e melancolia” como forma de reflexão das identificações e do impacto do objeto sobre o ego, enunciado na emblemática frase “a sombra do objeto recai sobre o ego” (Roussillon, 2014, p.75). A melancolia coloca a questão da incapacidade do sujeito de deslocar seus investimentos libidinais para outro objeto. Roussillon sublinha que a problemática do luto também traz a questão da especificidade do objeto, da precocidade da ligação com o objeto e o impacto deste na dimensão pulsional para o ego.

Ao par fonte/objeto se adiciona o par pulsão introjetada no seio do ego/receptividade do objeto à ligação ao ímpeto pulsional do sujeito. Mas Freud sublinha o caráter singular da perda na melancolia, onde o objeto em questão é narcísico, a perda é *narcísica*, é a perda de uma parte de si, ela é ligada à decepção provocada pelo objeto. Há um objeto perdido na melancolia, mas a perda em questão não tem efeito de desaparecimento do objeto, ela é ligada a um modo decepcionante de presença do objeto, que evoca ele mesmo um modo traumático, pesando sobre a

regulação narcísica do sujeito (Roussillon, 2014, p.76, tradução nossa.).

O objeto narcísico carrega uma parte do ego, o que torna o luto impossível. O objeto não desaparece, mas participa da regulação narcísica do psiquismo do sujeito, deixando-o desamparado e à mercê da sombra do objeto. Esta será compreendida por Roussillon como um *duplo negativo do objeto*, o qual o sujeito para de investir libidinalmente, mas incorpora uma parcela negativada dele (Roussillon, 2014, p.76). Acreditamos que a noção do duplo, trabalhada por Freud em seu texto “O estranho” é uma via fecunda para avançarmos no estudo da problemática da alteridade na paranoia.

II.3 – O duplo e alteridade

Em seu texto intitulado “O Estranho”, Freud descreve um sentimento que pertenceria à ordem do horror, e busca uma diferenciação dessa experiência de “estranheza” no cerne do angustiante. Em sua exposição, não se deterá nos aspectos concernentes ao campo da estética e, conseqüentemente, do belo, mas sim na dimensão repulsiva e penosa característica desse sentimento para o qual está buscando uma explicação a partir da metapsicologia. Tal fato levará Freud a uma longa e instigante apreciação a respeito da etimologia da palavra alemã “*unheimlich*”, de difícil tradução para outros idiomas (traduzida ora por “estranho”, ora por “inquietante” na língua portuguesa).

Não nos estenderemos na parte referente ao estudo linguístico feito por Freud a respeito do termo em alemão e suas derivações em outros idiomas. Ressaltamos, apenas, que Freud não pretende esgotar a sua explanação em uma simples equação de oposição, em que o sentimento do estranho seria equivalente a algo não familiar. Embora esta dimensão também seja destacada por ele, é notável que em seu estudo linguístico na primeira parte do trabalho haja uma tentativa de busca desse caráter aterrorizante na etimologia da palavra em diversos idiomas.

A partir do caso exposto por Jensch, Freud tenta delimitar a sua explicação a respeito do sentimento do estranho. Jensch descreve a dúvida quanto a saber se de fato um ser aparentemente animado estaria vivo, assim como o inverso, se um objeto sem vida não poderia estar animado. Freud associa tal descrição aos bonecos de cera e aos autômatos, assim como certas manifestações da loucura que nos remetem a um funcionamento automático por trás da familiar figura do animado (Freud, 1919/2010,

p.227). O fato despertará a atenção de Freud, que encontra uma via de exploração possível a partir da literatura fantástica, especificamente do conto “O Homem de Areia”, de E.T.A Hoffmann.

A partir desse conto Freud discorrerá a respeito da experiência fantástica à qual Hoffmann nos remete, e retoma a questão da angústia que as crianças sentem de perder os seus próprios olhos – detalhe importante no conto literário em questão. Vamos restringir-nos a destacar somente esse fato da apreciação de Freud a respeito do texto literário por trazer uma questão relevante à nossa temática. Freud remete tal angústia à castração e associa o temor de perder os olhos como uma relação substitutiva ao medo de perder o próprio órgão sexual. “[...] não se poderia contradizer a impressão de que por trás da ameaça de ser privado do membro genital se produz um sentimento que presta seu eco à representação de perder outros órgãos” (Freud, 1919/2010, p.231). Relaciona ainda à morte do pai da personagem, de quem aproxima a figura do homem de areia.¹

Porém, Freud traz outro ponto importante ao destacar um segundo aspecto do conto de Hoffmann, a saber, a presença de uma boneca que aparenta estar viva; trata-se do sentimento de estranheza já citado, causado pela incerteza quanto a saber se algo é de fato inanimado ou inerte. Aproxima-se então da confusão que as crianças fazem, em seus primeiros anos de vida, entre o que seria animado ou inanimado, o que apontaria para o fator infantil do sentimento do estranho.

Portanto, aqui também é fácil pesquisar o fator infantil; porém o notável é que no caso do Homem de Areia está em jogo o despertar de uma antiga angústia infantil, enquanto que na boneca viva não intervém em nada a angústia, já que a criança não tem medo da animação de suas bonecas, e podem até desejá-lo. Então, a fonte do sentimento de estranheza não seria aqui uma angústia infantil, mas um desejo ou ainda apenas uma crença infantil. Isto parece uma contradição, ainda que talvez não seja mais do que uma multiplicidade que pode ajudar-nos posteriormente em nossa tentativa de compreensão (Freud, 1919/2010, p.233).

Vemos então que Freud tenta fazer uma primeira distinção entre o sentimento de estranheza, outrora ligado ao complexo de castração, e a própria angústia infantil. Essa passagem nos parece emblemática, pois aponta para um ponto de impasse em relação à

¹Para uma apreciação completa a respeito das contribuições psicanalíticas a respeito do conto, remetemos o leitor diretamente ao texto freudiano “O Estranho” (1919) e ao próprio texto literário, “O Homem de areia”, que pode ser encontrado na coletânea *Freud e o estranho: contos fantásticos do inconsciente*, organizada por Bráulio Tavares (2007).

teoria da angústia, que não daria conta do que Freud estaria tentando explicar a respeito dessa inquietante estranheza.

A partir dessa questão entre a relação do sentimento de estranheza e suas fontes infantis, Freud introduz o fenômeno do duplo inspirado em outra obra literária, intitulada *Os Elixires do Diabo*, também de E.T.A. Hoffmann. Freud destaca a estranheza provocada pela obra ao se utilizar da duplicação entre os personagens, que em determinado momento compartilham os mesmos processos psíquicos de forma telepática.

[...] de modo que um é possuidor da sabedoria, do sentir e do vivenciar da outra; a identificação com outra pessoa chega ao ponto de equivocar-se sobre o próprio eu ou situar o eu alheio no lugar do próprio – ou seja, duplicação, divisão e permutação do eu – e, por último, o permanente retorno do igual. [...] (Freud, 1919/2010, p.234).

Freud faz menção a Otto Rank, pioneiro na psicanálise ao se interessar pela noção de duplo na literatura, assim como sua relação especular e a sombra; o duplo, nesse sentido, seria uma garantia contra o desaparecimento do eu. Assim, para Freud o duplo também teria um correlato no campo onírico a partir da manifestação nos sonhos da duplicação ou multiplicação do símbolo genital, exemplificado pelo autor a partir da cultura egípcia que erigia imagens dos mortos em material duradouro (Freud, 1919/2010, p.235).

Freud se refere ao âmbito do narcisismo primário, do ilimitado amor a si próprio para explicar a natureza arcaica da ideia do duplo. Para o autor, o duplo ocuparia um lugar importante na vida psíquica da criança e no homem primitivo e, posteriormente, “[...] com a superação desta fase [narcisismo primário] o sinal do duplo é trocado: de uma garantia de sobrevivência passa a ser o inquietante anunciador da morte” (Freud, 1919/2010, p. 235). Nesse sentido, vemos que a noção de duplo está intimamente ligada ao narcisismo e à formação do ego, como estudamos anteriormente.

A noção do duplo também é relacionada à consciência moral, retomando a questão do delírio de ser observado discutido em 1914 e que culminará na construção da segunda tópica em 1923, em que intitulará “superego” a instância citada. “No caso patológico do delírio de ser notado, ela [consciência moral] torna-se isolada, cindida do ego [...]” (Freud, 1919/2010, p.235). O autor ainda menciona a questão de que a existência de uma instância crítica que torna possível tratar o eu como objeto traz a

noção do duplo; logo, este poderia ser entendido como um precipitado de pertences do narcisismo primordial frente à autocrítica.

Não apenas esse conteúdo chocante para a crítica do ego pode incorporar-se ao duplo; de igual modo, todas as possibilidades não realizadas de configuração do destino, a que a fantasia segue apegada, e todas as aspirações do ego que não puderam se realizar por consequência de circunstâncias externas desfavoráveis, assim como todas as decisões voluntárias sufocadas que produziram a ilusão do livre-arbítrio (Freud, 1919/2010, p.236).

Para o autor, a inquietante estranheza provocada pela manifestação do duplo em sua dimensão mortífera desperta um esforço do ego em projetar o duplo para fora como algo estranho. Ainda amparado no eixo estabelecido entre o duplo e o narcisismo primário, Freud aproxima os aspectos patológicos na formação do ego a uma regressão a um momento de indiferenciação entre o eu e o outro. A “repetição do igual” também será apontada por Freud para explicar o sentimento de estranheza frente ao duplo, associada à compulsão à repetição; estaria ligado à vida psíquica infantil e está ligada às forças pulsionais que sobrepujam o princípio do prazer, conferindo um aspecto demoníaco ao psiquismo (Freud, 1919/2010, p. 238).

Prosseguiremos nosso estudo a respeito do duplo a partir de autores que o relacionam diretamente com o narcisismo e à própria constituição psíquica. Veremos então de que forma o duplo em sua dimensão narcísica desempenha papel importante no psiquismo e na compreensão de patologias cujas falhas se encontram no âmbito primário.

II.4 – O duplo transicional

Jung e Roussillon (2013/4) propõem um estudo aprofundado acerca da questão da dimensão identificatória e o papel que o duplo desempenha na constituição psíquica, assim como seus possíveis desdobramentos patológicos. Primeiramente destacam três noções-chaves a serem abordadas: a identidade, a reflexividade e o duplo. A respeito da primeira os autores dizem que só seria possível estudá-la a partir de seu negativo, ou seja, do que o sujeito não é, relativo a uma alteridade fundadora. Seria um processo organizador da relação do sujeito com a sua alteridade, e também da relação consigo mesmo, que estaria por sua vez no campo da reflexividade (Jung & Roussillon, 2013/4, p. 1043).

A respeito da reflexividade os autores dizem que a partir desse processo seria possível compreender de que forma o sujeito se pensa e representa o seu próprio

funcionamento psíquico. “A construção da reflexividade interna, de uma relação consigo mesmo supõe assim o investimento do objeto como um duplo de si, um outro semelhante, ao mesmo tempo parecido e diferente de si, um duplo transicional” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1043, tradução nossa). A noção de duplo transicional introduzida pelos autores está ligada aos processos de simbolização em potencial em uma modalidade intermediária entre os investimentos narcísico e objetual, que funda a capacidade do psiquismo de se autorrepresentar.

A outra categoria sublinhada pelos autores seria o duplo, noção complexa pela sua pluralidade tanto na clínica como nas manifestações culturais. O duplo contém em si mesmo um paradoxo, o fato de ser ao mesmo tempo um semelhante e apontar para a dimensão de alteridade. Os autores destacam que, embora nesse sentido esteja remetido à identidade, o duplo seria mais uma das modalidades constitutivas desta, seu complemento indispensável (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1043).

A partir das noções expostas, os autores formulam a hipótese de que a capacidade do psiquismo se autorrepresentar e estabelecer uma relação consigo mesmo (reflexividade interna) e a própria identidade se constroem em torno do que eles nomeiam como duplo transicional. Os autores se inspiram na contribuição de Winnicott (1971) a respeito da função-espelho do ambiente para elaborar a noção do duplo em sua dimensão constitutiva. Tal modalidade intermediária permitiria pensar a questão da identidade humana levando em consideração tanto a questão da alteridade como a do semelhante, “[...] ela situa a experiência do sujeito na encruzilhada do intrapsíquico e do intersubjetivo” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1044, tradução nossa).

Portanto, seria possível considerar o investimento de um duplo transicional como “[...] o eixo a partir do qual se equilibram sem se opor os investimentos narcísicos e objetais, mas igualmente as categorias de dentro e fora, do mesmo e do diferente, etc.” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1044, tradução nossa). Ainda sobre essas oposições fundamentais, “[...] subentendem a paradoxalidade identitária que o duplo, pelo seu modo de figuração, busca tratar ou ainda ultrapassar pela via transicional” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1044, tradução nossa).

“Em outros termos, o duplo pode ser visto como objeto a partir do qual a identidade se transicionaliza [...]” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1044, tradução nossa). Trata-se de um objeto no qual o sujeito pode se encontrar e se apreender subjetivamente ao se referir à ligação com o objeto primário e à relação reflexiva consigo mesmo. Nesse sentido, os autores localizam o duplo transicional como importante aspecto da

trajetória identitária para o estabelecimento de uma relação com o outro e consigo mesmo. Essa modalidade do duplo permitiria a criação de um espelho psíquico interno, no qual o sujeito poderia se refletir e se representar (Jung & Roussillon, 2013/4, p. 1047).

Dessa maneira, os autores prosseguem na teorização a respeito do papel do duplo e sua relação com o narcisismo primário, que enquadraria a ligação inicial ao objeto. Trata-se de uma dupla vetorização da estruturação do narcisismo primário que não estaria harmonizada no início; a primeira diz respeito a uma corrente narcísica que é destinada a assegurar a continuidade psíquica interna a partir do investimento em duplo. O segundo processo seria o objetal, que supõe o reconhecimento de uma primeira distinção entre os movimentos próprios ao sujeito e do outro, constituindo assim uma primeira forma de alteridade (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1047). Apresentaremos os dois tempos do duplo transicional expostos pelos autores, pois acreditamos que se trata de uma ampliação importante da noção do duplo abordada por Freud em 1919 em sua relação direta com a teoria do narcisismo.

O primeiro tempo descrito pelos autores seria a passagem do duplo psíquico ao duplo encontrado/criado, em que estariam em jogo certas formas de ajustamento mimogesto-postural na relação com o objeto primário. Seria um primeiro momento de encontrar/criar a si mesmo a partir de um objeto que não exerce somente a função de espelho, mas responde aos investimentos do sujeito via preocupação materna primária. A mãe, nesse sentido, reflete o seu bebê e o investe como um duplo; “Dito de outra forma e paradoxalmente, *o sujeito encontra/cria a si mesmo lá onde ele é refletido pelo objeto como duplo*, o investimento objetal coincide aqui com o investimento de si” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1049, tradução nossa).

Dessa forma, o duplo encontrado/criado harmoniza a corrente psíquica e a corrente objetal do narcisismo primário. Para os autores, a identidade seria construída a partir da reciprocidade desses investimentos em duplo que acontecem na díade primitiva mãe-bebê. Esse primeiro tempo criaria uma série de condições para que o investimento em si mesmo aconteça a partir do outro em sua função reflexiva, fato que os autores denominam ilusão narcísica primária em duplo, e graças à qual “[...] o sujeito pode se encontrar consigo mesmo lá onde ele é refletido pela mãe” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1049, tradução nossa).

Esse primeiro momento do duplo transicional dá lugar à constituição, sob a forma incorporativa, de um primeiro

sentimento de identidade imaginária, de uma primeira forma de relação consigo mesmo no seio da qual o sujeito pode começar a sentir a si mesmo na presença do objeto. O sujeito vive então um estado “narcísico primário”, um sentimento de unidade com o objeto e pode experimentar uma relação de identidade, de continuidade com o ambiente (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1049, tradução nossa.).

O segundo tempo, por sua vez, é descrito pelos autores como o duplo destruído/encontrado e diz respeito ao momento de descoberta da exterioridade do objeto e de sua função de espelho. A descoberta da alteridade do objeto, por sua vez, provocará a emergência de uma série de movimentos destrutivos que se confrontarão com sua capacidade de sobrevivência. Ao sobreviver a esses impulsos destrutivos, desde que não responda com retaliação, o objeto abre uma via para que o sujeito se liberte das respostas em espelho, outrora indispensáveis para a constituição psíquica. Desse momento em diante o sujeito começa a reconhecer sua própria capacidade reflexiva, independente do objeto, e a estabelecer uma diferença entre a representação interna do objeto-duplo e a representação correspondente ao objeto externo (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1050).

Esse movimento de diferenciação se apoia na sintonia emocional entre a mãe e o bebê, em que o objeto maternal não desempenha um papel apenas de espelho na relação; ela também endereça ao bebê um sinal de que o que ele próprio comunicou na relação em duplo concerne à sua própria experiência emocional. Tal comunicação tem a particularidade de refletir a experiência afetiva do bebê, mas sem que esta seja confundida com a da mãe, “[...] ela introduz um circuito reflexivo que permite ao bebê começar a “pensar” e a assimilar seus próprios estados afetivos engajados na relação em duplo” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1051, tradução nossa).

O estabelecimento dessa representação diferenciada do objeto tem grande importância, pois permite ao sujeito a capacidade de se representar em uma relação consigo mesmo mediada pelo objeto interno. Essa relação reflexiva consigo mesmo só seria possível por conta da relação com o objeto em duplo externo que foi devidamente internalizada, tornando-se passível de ser duplicada no âmbito interno (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1051). Esse momento permite a introjeção da função reflexiva do objeto, que origina no espelho psíquico interno no psiquismo e permite que o sujeito represente a si mesmo na ausência do objeto. Os autores sublinham que se trata de um

momento marcado pelo estabelecimento de uma relação consigo mesmo simbólica, marcada pela instalação da alteridade entre o eu e o objeto.

O espelho psíquico se tornaria um prisma, a partir do qual o sujeito apreende tanto o mundo interno como o mundo dos objetos; o investimento objetal em duplo poderia ser abandonado, pois a alteridade do objeto não mais representa risco ao psiquismo. “O duplo poderá então se estabelecer como pano de fundo da psique, sobre a qual se inscreverão os eventos psíquicos sob uma forma reflexiva” (Jung & Roussillon, 2013/4, p.1051).

Qual seria a natureza do duplo que assume caráter persecutório, na paranoia? Qual seria a singularidade das falhas narcísicas para que o duplo permanecesse enquistado no eu do paranoico, desencadeando o descontrole do mecanismo projetivo? A partir do contraponto com outras patologias buscaremos delimitar a especificidade da relação com o outro na paranoia, assim como buscar quais seriam as falhas identificatórias que desencadeariam a vivência do duplo como perseguidor. Se a problemática entre o eu e o outro assume caráter patológico nos diferentes quadros clínicos no eixo primário, qual seria a especificidade da sombra que persegue o eu paranoico?

Capítulo III

“A sombra do outro” na paranoia: em contraponto com outras patologias narcísicas

No intuito de continuar a investigação acerca da modalidade identificatória que caracteriza a paranoia e o desencadeamento da vivência de um duplo perseguidor, no presente capítulo faremos um estudo comparado desta patologia com outros quadros clínicos. Inspirados pela frase freudiana a respeito da sombra do objeto, importante expansão da teoria do narcisismo, estudaremos de que forma as diversas patologias da literatura psicanalítica podem ser compreendidas a partir do modelo melancólico postulado em 1917. Acreditamos que a sombra descrita por Freud pode ser entendida de forma singular nas diferentes patologias, de acordo com a modalidade identificatória em questão.

O principal objetivo será investigar qual seria a especificidade dessa sombra que assola o ego do paranoico em sua constituição, que desencadeia respostas tão específicas como a projeção exacerbada e a experiência de um duplo perseguidor que culminaria na construção delirante. Mais do que simples comparação descritiva, optamos pelo uso do contraponto entre a paranoia e outras patologias no intuito de enfatizar as falhas narcísicas próprias à vivência persecutória, assumindo como a tônica de nossa argumentação o plano identificatório.

Dessa forma, primeiramente faremos um estudo da paranoia em contraponto com a melancolia, assumindo que esta apresenta algumas proximidades importantes com o quadro clínico central neste trabalho. Enfatizaremos aspectos metapsicológicos concernentes aos dois quadros, assim como as modalidades identificatórias que estão em jogo e as respostas frente às falhas narcísicas que se apresentam e são atualizadas na relação com o outro.

O outro quadro clínico eleito para fazer o contraponto com a paranoia são os estados limites, discutidos amplamente na psicanálise contemporânea sob a égide das patologias do narcisismo. Nosso objetivo será delimitar o campo da psicose paranoide e a radicalidade que a resposta ao outro assume por conta de falhas narcísicas específicas que implicam a perda da realidade. Veremos que, embora nos casos fronteiraços também

seja notável uma série de problemas na relação com o outro, oriundas de falhas básicas no narcisismo, não se trata de uma resposta que implique uma perda de realidade ou mesmo a total diferenciação quanto ao outro, como na psicose.

III.1 – A melancolia e a paranoia

Como vimos no desenvolvimento do presente trabalho, Freud sistematiza o conceito de identificação narcísica em 1917, ao descrever o desdobramento patológico que poderia assumir na melancolia. Porém, o mesmo conceito já havia aparecido em textos anteriores, como no artigo a respeito de Leonardo da Vinci. Freud também recorre ao conceito para explicar, em 1915, um caso que, em um primeiro momento aparenta contradizer as contribuições da psicanálise a respeito da paranoia, analisado no primeiro capítulo da presente dissertação.

É interessante ressaltar o lugar estratégico que esse texto de 1915 ocupa para a compreensão da paranoia; trata-se de uma revisita à teoria da paranoia após as importantes contribuições a respeito do narcisismo, e que antecede o texto “Luto e melancolia”, em que a identificação narcísica será abordada de forma minuciosa a partir da melancolia. Porém, sabemos que a paranoia e a melancolia assumem desdobramentos psíquicos distintos, assim como formas de respostas frente ao outro que diferem de suas formas de funcionamento psíquico. Nesse sentido, nossa indagação partirá da tentativa de compreender a especificidade dessa modalidade de identificação nas duas patologias, no intuito de delimitar a singularidade da resposta paranoica.

A figura do duplo, que assombra e recai sobre o ego, servirá como inspiração para discorrermos sobre as implicações narcísicas dos quadros clínicos citados. Se a sombra do objeto, conforme nos mostrou Freud, recai sobre o ego na melancolia, qual seria a singularidade da sombra na base de determinação da paranoia? Que papel a sombra desempenha na trama persecutória exteriorizada na paranoia, em contraposição à perseguição internalizada presente na melancolia?

III.1.1 – Depressão e melancolia

Julgamos necessário, nesse primeiro momento, traçar breve distinção entre a depressão e a melancolia, uma vez que possuem problemáticas e etiologias distintas. A melancolia nos interessa principalmente pela proximidade, em termos de funcionamento, que apresenta com a paranoia. Dessa maneira, ressaltaremos alguns

pontos relevantes para entendermos a problemática que se apresenta no funcionamento melancólico. A intenção em traçar a distinção citada será a de delimitar o campo da melancolia e a trama persecutória, interiorizada, que permeia o seu funcionamento psíquico, ao contrário do que ocorre nos quadros depressivos. Nosso objetivo será destacar a problemática da identificação ao objeto perdido, central na melancolia, e enfatizar a dimensão persecutória que o outro assume frente à impossibilidade de assimilação e à sua incorporação ao ego do melancólico.

Ao discorrer sobre a distinção entre a depressão e a melancolia, Rosolato (1978/1981) assinala que na primeira não há uma ideia consciente de culpa. Dessa maneira, o desprazer que permeia o quadro clínico em questão estaria em oposição à culpabilidade, tornando o mal-estar impossível de ser atenuado quando reduzido a uma causa ou origem, “[...] com o fim de que subsista uma distância para restituir o mais claramente possível uma dor de separação” (Rosolato, 1978/1981, p.132). Dessa forma, a culpabilidade inconsciente conduz o depressivo a um desprazer que o paralisa e apaga qualquer possibilidade de atividade do sujeito.

É preciso compreender a melancolia para além da intensidade dos afetos depressivos e da inatividade presente na depressão; na melancolia há uma organização delirante relacionada a catástrofes, o que caracteriza um rompimento com a realidade. A hipocondria e o desejo de morte também assumem papel importante no quadro clínico em questão. A culpabilidade assume caráter feroz, em que o sujeito se acusa incansavelmente por crimes e fatos que, por vezes, são inexistentes.

Rosolato também sublinha a vertente psicótica que a culpa assume na melancolia, distinta da depressão.

Quando se conhece o parentesco sintomatológico entre a depressão e a melancolia, pode-se compreender a função da culpabilidade no quadro geral das oposições entre neurose e psicose. Na neurose, a infraestrutura inconsciente, constituída pelos desejos edípicos, permanece reprimida, enquanto que na psicose os mesmos se colocam em cena claramente, diretamente, no delírio. Pode-se descobrir uma idêntica correspondência para a culpabilidade: não porque não exista na neurose, mas porque é inconsciente e dirige a evidente sintomatologia, e se faz falante na pendente psicótica que é a melancolia. Isto confirmaria, se fosse necessário, a função inconsciente da culpabilidade nas depressões (Rosolato, 1978/1981, p.133).

Rosolato também explana que a fórmula da neurose narcísica não é suficiente para dar conta da problemática da melancolia, uma vez que “[...] a descarga libidinal anda junta com um choque invasor, ainda que indireto, do mundo objetal: a introjeção guarda dele um fac-símile maléfico que parece não poder escapar jamais” (Rosolato, 1978/1981, p.133). Dessa maneira, as depressões seriam marcadas pelo desejo de morte em relação a um objeto interno; a melancolia, por sua vez, seria distinta pela dimensão violenta que assume em relação ao objeto, ocasionando respostas extremas frente ao outro.

O autor também sublinha a relação entre a melancolia e a “estrutura narcísica, nuclear da paranoia” (Rosolato, 1978/1981, p.134); de acordo com o autor, a impossibilidade do melancólico de abandonar uma relação dual e fazer o trabalho do luto provém daquilo que chamou de “organização paranoide persistente”. A melancolia poderia ser compreendida, nesse sentido, como uma paranoia interiorizada.

[...] o objeto introjetado e o superego se convertem nos polos de luta entre perseguidor e perseguido. O que está em jogo neste combate já não será a relação com o objeto exterior, mas com o setor da realidade psíquica interna, alienado no objeto introjetado. Então seria conveniente que pudéssemos seguir as variações narcísicas entre a paranoia e a culpabilidade para apreciar bem as saídas possíveis de uma depressão e isto principalmente em relação aos efeitos do duplo narcísico (Rosolato, 1978/1981, p.134).

Conforme assinalamos no capítulo anterior da presente dissertação, a melancolia ocupa lugar paradigmático na obra freudiana, pois é a partir desse quadro que Freud propõe alguns desdobramentos importantes a respeito da teoria do narcisismo. A modalidade de identificação do tipo narcísico é postulada pelo autor na tentativa de compreender a impossibilidade de elaboração da perda do objeto na melancolia e seus desdobramentos patológicos, como a indiferenciação na relação primária entre o eu e o outro. Por conta da impossibilidade do trabalho de luto e da relação problemática com o objeto, a trajetória libidinal dos investimentos ocorre de maneira distinta na melancolia; ante a impossibilidade de se desligar do objeto, por conta da prevalência da identificação narcísica, o melancólico incorpora canibalisticamente o objeto.

A sombra do objeto recai sobre o ego, transformando a perda objetal em uma perda do próprio ego. Portanto, o ponto central que caracteriza a problemática da melancolia seria a dimensão patológica que a identificação primária assume com o objeto perdido, e que não permite uma diferenciação no eixo primário e acarreta uma

série de respostas patológicas, como a incorporação canibalística e a clivagem do ego em uma parte sadomasoquista e delirante, que assume teor persecutório (Florence, 1987, p. 131).

Freud parte da diferença entre o luto e a melancolia para discorrer acerca do funcionamento psíquico desta última, que seria classificada como neurose narcísica e seria um destino patológico para o trabalho de luto. O autor, ao comparar os dois estados, faz importantes pontuações no intuito de apontar as similaridades e diferenças entre eles. Segundo Freud, “o luto, via de regra é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.” (Freud, 1917 [1915] /2011, p.47. Tradução nossa.). Ainda ressalta que o luto não é de forma alguma um estado patológico, embora implique certos desvios de conduta na vida do sujeito. Seria superado com o tempo, e qualquer intervenção poderia ser inadequada ou mesmo prejudicial, diferentemente da melancolia.

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecreminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição (Freud, 1917 [1915] /2011, p.47. Tradução nossa.).

Assim, diferentemente do luto, a melancolia é caracterizada por uma disposição patológica encontrada em certos sujeitos. Embora guardem fortes semelhanças, como a perda de interesse pelo mundo externo e da capacidade de escolher um novo objeto de amor, a melancolia tem uma peculiaridade: o ponto crucial destacado por Freud de que o que poderia distinguir esses dois estados seria a *perturbação do sentimento de autoestima*, que não se apresentaria no luto.

O luto é abordado por Freud em uma tentativa de aprofundar os estudos sobre a melancolia. O trabalho de luto, segundo o autor, seria um momento em que “a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto” (Freud, 1917 [1915] /2011, p.49). Como o sujeito não abandona tão facilmente uma posição libidinal, o trabalho de luto é gradual e demanda tempo e energia do sujeito. “Uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e superinvestidas e nelas se realiza o desligamento da libido” (Freud, 1917 [1915] /2011, p.49).

Freud constata que na melancolia a perda é de uma natureza mais ideal. “O objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor (por exemplo, o caso de uma noiva abandonada)” (Freud, 1917 [1915] /2011, p.51). Logo, o melancólico não saberia discernir conscientemente o que perdeu; “sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nele [no objeto]” (Freud, 1917 [1915] /2011, p.51). Essa perda desconhecida seria a causadora da enigmática inibição melancólica.

O rebaixamento da autoestima é outro ponto extremamente relevante levantado por Freud para discernir o melancólico do enlutado. No texto em questão, Freud retoma esse ponto ao postular que o que fica empobrecido na melancolia é o próprio eu do sujeito. “No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (Freud, 1917 [1915] /2011, p.53). Ainda sobre a autoestima, é importante ressaltar a relevância da nota de tradução que Marilene Carone apresenta a respeito do termo *selbstgefuhl* (autoestima) e do prefixo *selbst* (auto). De acordo com a tradutora da versão de “Luto e melancolia”,

Selbstgefuhl (autoestima) literalmente significa sentimento de si, convicção do próprio valor e poder [...] Essa profusão de termos com *selbst* certamente encontra seu sentido mais profundo na articulação teórica do próprio texto e reflete a importância desse movimento de retorno à própria pessoa [...] o prefixo *selbst* corresponderia em português à partícula apassivadora “se”: torturar-se, punir-se etc. (Freud, 1917 [1915]/2011, p.46, Nota do tradutor).

Essa perda de autorrespeito característica da melancolia faz com que Freud levante o fato de que o melancólico sofreu uma perda no objeto; essa perda pode ser constatada no nível do eu. “Segundo a analogia com o luto, deveríamos concluir que ele sofreu uma perda no objeto; de suas afirmações surge uma perda em seu ego.” (Freud, 1917 [1915] /2011, p.57). Essas recriminações, embora voltadas para o próprio sujeito, são direcionadas a um objeto de amor, como nos mostra Freud:

Desse modo, tem-se à mão a chave do quadro clínico, na medida em que se reconhecem as autorrecriminações como recriminações contra um objeto de amor, a partir do qual se voltaram sobre o próprio ego. (Freud, 1917 [1915] /2011, p.59).

Vimos que a melancolia guarda especificidade bastante importante em relação à depressão e ao próprio trabalho de luto, trabalho psíquico necessário para que o psiquismo seja capaz de estabelecer novas ligações objetais. Após essa breve caracterização, partiremos para o contraponto com a paranoia, no intuito de investigar a

singularidade da problemática na relação com o outro. Se ambas apresentam uma trama persecutória, por que na paranoia a perseguição é exteriorizada, em contraste com a experiência melancólica, em que o perseguidor está numa esfera intrapsíquica? Qual a diferença da modalidade identificatória, atualizada na relação com o outro, que permite clarear tal impasse?

III.1.2 – A dupla face do perseguidor: contraponto entre a paranoia e a melancolia

Discorreremos sobre algumas proximidades e distinções importantes entre a paranoia e a melancolia no intuito de avançar a nossa investigação. Enfatizaremos o mecanismo de projeção em sua dimensão patológica no psiquismo do paranoico, como uma resposta a uma alteridade interna inassimilável que precisa ser colocada para fora. Também ensaiaremos uma distinção no eixo primário que poderia esclarecer a especificidade da resposta paranoica, que possui grande ênfase na exteriorização, em relação ao outro, e o apelo à incorporação a que recorre o melancólico.

Paul Dennis (2011) discorre sobre as contribuições de Freud a respeito do mecanismo de projeção patológica e sobre a importância da perda do objeto que desencadeia tal processo. Partindo da célebre frase freudiana que diz que o que retornaria do exterior seria o que foi perdido no interior, o autor destaca o parentesco entre a paranoia e a melancolia, assim como a singularidade concernente a cada organização psíquica. As duas patologias teriam como ponto de partida a questão da perda do objeto e as respostas singulares de cada uma das patologias em relação à sombra desse objeto perdido.

O autor parte da descrição do mecanismo de projeção na paranoia, que seria desencadeado por uma perda objetal, para colocar em relevo certas similaridades da paranoia com a melancolia. Ao comentar as contribuições freudianas a respeito do funcionamento da projeção, em que o que teria sido abolido internamente retornaria de fora, Dennis (2011, p.755) enfatiza que esse entendimento remete a uma ideia de passividade ante o mecanismo em questão. Por sua vez, a compreensão do mecanismo de projeção associado à passividade contrasta com outros fatos relatados em relação à paranoia, como a tentativa de cura buscada pelo aparelho psíquico e mesmo a experiência de destruição de mundo proveniente da retirada de investimento, que culmina na constituição de um delírio.

A partir dessa experiência de fim de mundo o autor começa a traçar a proximidade entre a melancolia e a paranoia. Ambas, como citado anteriormente, são

compreendidas pelo autor como uma problemática com a sombra do objeto perdido. O autor mostra que, tanto na melancolia como na paranoia a experiência de fim de mundo é desencadeada pela perda da relação com a pessoa amada.

Nos dois casos, o fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interna, porque o universo subjetivo do paciente terminou uma vez que ele retirou o seu amor; fim do mundo tanto na paranoia quanto na melancolia onde pode aparecer além disso uma síndrome de Cotard: um delírio de ausência dos órgãos, um fim do mundo corporal. (Dennis, 2011, p.755. Tradução nossa).

Dennis destaca a contribuição de Melanie Klein para a compreensão da paranoia como uma problemática da perda objetal e a impossibilidade de identificação que permeia a relação com o objeto interno. Para Klein (1935/1996), o paranoico não consegue se identificar totalmente ao objeto introjetado.

Para mencionar apenas alguns motivos desse fracasso: a ansiedade persecutória é forte demais; suspeitas e ansiedades de natureza fantástica ficam no caminho da introjeção total e estável de um objeto bom e real. Na medida em que este é introjetado, é muito difícil mantê-lo como um objeto bom, pois dúvidas e suspeitas de todos os tipos logo transformam o objeto amoroso novamente num perseguidor. Desse modo, a relação com os objetos totais e com o mundo real ainda é influenciada pela relação anterior com os objetos parciais internalizados e as fezes como perseguidores, podendo ser substituída novamente por esta (Klein, 1935/1996, p.312).

Dessa forma, o paranoico, pela impossibilidade de assimilação do objeto total em sua vertente amorosa estabelece uma relação instável com o outro; marcada pela desconfiança oriunda de angústias persecutórias arcaicas: qualquer forma de alteridade é vista como ameaça constante. Klein destaca o poder de observação extremamente aguçado do paranoico em relação ao mundo externo como uma distorção. “Não é possível haver uma identificação completa e estável com outro objeto, no sentido de observá-lo e compreendê-lo como ele realmente é, nem uma capacidade total de amar, quando a ansiedade persecutória pelo ego está em ascendência” (Klein, 1935/1996, p.313).

Se na melancolia a problemática estaria associada a uma interiorização da sombra do objeto perdido através da incorporação, na paranoia o que estaria em primeiro plano seria o desejo de ser influenciado e submetido ao objeto perdido; este já não seria mais perceptível, mas sim um objeto virtual, exterior ao aparelho psíquico do paranoico (Dennis, 2011. Tradução nossa).

Outra diferença entre a paranoia e a melancolia, destacada pelo autor, seria concernente à qualidade da emoção, termo utilizado por Freud. Enquanto o melancólico ainda expressa seu amor pelo objeto perdido, na paranoia o objeto perdido outrora amado agora é odiado. “O sujeito continua a se estimar, amar a si mesmo, o ódio se desenvolve não contra o próprio sujeito, mas voltado ao objeto que o traiu e pode conduzir o paciente ao assassinato” (Dennis, 2011, p.756. Tradução nossa).

O autor também discorre que na paranoia o objeto interno que teria função organizadora como uma representação homossexual interna, estaria esvaziado da substância que lhe atribuiria valor funcional. Tal objeto interno, que poderia assegurar certa coerência ao psiquismo, se encontra desfeito por conta de mudança em seu investimento, o que provocaria ameaça de desorganização. “A satisfação, impossível a reconstituir no interior, é esperada do exterior, como uma parte faltante do sujeito [...]” (Dennis, 2011, p.756. Tradução nossa).

Tais contribuições nos remetem às temáticas desenvolvidas anteriormente no presente trabalho a respeito da identificação narcísica e de sua relação com o duplo em sua dimensão estruturante do aparelho psíquico. Como vimos anteriormente, a melancolia e a paranoia têm parentesco no que tange à relação com o objeto perdido, que assombra o ego, mas de formas distintas. A partir do desenvolvimento proposto, acreditamos que é importante fazermos a distinção entre a relação eu/outro que se estabelece cada um dos casos clínicos, visto que suas respostas frente às falhas identificatórias relativas ao outro são diferentes.

Na melancolia, vimos que a identificação narcísica reina como modelo de tentativa de assimilação do outro. Porém, o apelo exacerbado a essa modalidade identificatória faz com que o ego se cristalice em uma relação dual e especular com o outro. Em última instância, o outro não é passível de ser apagado, pois se confunde com o próprio ego do sujeito, denotando a sombra mencionada por Freud em 1917. Nesse sentido, é possível inferir que o outro permanece como um duplo especular do ego, uma imagem impossível de ser assimilada como outro-sujeito por conta da incapacidade de representação da perda objetal. O duplo, narcísico, eclipsa o ego, impossibilitando que este exerça o trabalho de luto necessário à diferenciação entre o ego e o outro. Dessa forma, o melancólico permanece aprisionado ao objeto perdido que, incorporado canibalisticamente e cristalizado pela identificação narcísica, permanece enquistado no psiquismo.

O funcionamento da paranoia se dá de forma diferente, tanto na modalidade de resposta ao outro como na saída encontrada para resolver o impasse da cristalização na identificação narcísica. Nessa patologia também há a prevalência da identificação narcísica, que não permite que o ego se diferencie do outro e o aprisiona em uma indiferenciação sem limites. O duplo especular insiste como uma figura estranha, que ameaça levar o psiquismo do paranoico a um estado de profunda indiferenciação. A resposta paranoica a essa inquietante estranheza é a projeção exacerbada, em uma tentativa desesperada de manter à distância o duplo especular em sua dimensão mortífera. A impossibilidade de estabelecer uma reflexividade interna aprisiona o paranoico a uma iminência constante de desintegração, uma vez que qualquer traço que remeta a uma diferenciação entre o ego e o outro não encontra um correlato psíquico representacional. A projeção, ao mesmo tempo em que possui caráter patológico por não permitir o estabelecimento de uma relação de confiança com o outro, também se torna uma forma de sobrevivência do psiquismo que, por não conseguir lidar com qualquer imposição de alteridade no âmbito intrapsíquico, tenta colocar para fora de si qualquer traço que aponte para uma diferença.

Portanto, vimos que a sombra do objeto perdido, que permanece enquistada na forma de um duplo perseguidor em ambas as patologias, possui diferentes desdobramentos na melancolia e na paranoia. Embora se assemelhem as formas de resposta ao duplo narcísico, as falhas identificatórias de tipo narcísico são distintas. Enquanto o melancólico, em sua impossibilidade de luto, incorpora o objeto perdido numa tentativa desesperada de conservá-lo eternamente, na paranoia o mesmo é projetado para fora. A identificação narcísica na melancolia atua cristalizando o ego ao seu objeto amoroso perdido que, incorporado, devora o psiquismo de dentro para fora. Na paranoia, por sua vez, o psiquismo tenta se livrar da inquietante estranheza provocada por um duplo narcísico que, por conta da modalidade identificatória, permanece como imagem especular que não se diferencia do ego, mas também não é reconhecido como si mesmo. O duplo, projetado, torna-se o perseguidor que assombra o paranoico e permeia as suas relações com o mundo.

Prosseguiremos com o nosso estudo a respeito da singularidade da modalidade identificatória e da resposta ao outro na paranoia, colocando em evidência as falhas narcísicas evidenciadas em outro quadro clínico, a saber, os estados limites. Embora também apresentem problemática importante no eixo primário assim como a dificuldade na relação com o outro que implica respostas patológicas pela via do ato, é importante

que tracemos uma distinção entre as falhas narcísicas que acarretam a perda da realidade na paranoia e a relação de servidão a um outro evanescente, característico dos casos limites.

III.2 – Entre a servidão e a indiferenciação: estados limites e a paranoia

A psicanálise contemporânea se deparou com importante mudança de paradigma nas últimas décadas. A partir da constatação clínica de vários psicanalistas começa-se a pensar em formas de patologias que deslizariam ante as formulações tradicionais freudianas acerca da neurose. Trata-se de casos que desafiam tanto a teoria dita clássica como a própria comunidade psicanalítica. Sandor Ferenczi (1928/2011) já tinha dado notícia sobre alguns casos que necessitariam de mudança técnica, propondo uma elasticidade maior na clínica.

André Green, importante elo entre a psicanálise francesa e a intitulada “escola inglesa” dedicou a sua obra ao estudo dos pacientes fronteiros, a seus aspectos metapsicológicos e mecanismos constitutivos. Desse modo, apresentaremos de forma panorâmica a problemática dos estados limites, inspirados nas contribuições do autor a respeito do trabalho do negativo e dos desdobramentos psicopatológicos oriundos da impossibilidade de apagamento do objeto. Acreditamos que tais contribuições são frutíferas para pensar a problemática identificatória dos casos limites em relação ao objeto perdido que se atualiza na relação de extrema desconfiança estabelecida com o outro.

Posteriormente faremos um estudo do contraponto possível entre a paranoia e os estados limites, pois acreditamos que, embora as duas situações clínicas apresentem falhas no âmbito narcísico, tanto a modalidade identificatória como as formas de resposta ao outro são distintas. Investigaremos de que forma a sombra do objeto perdido insiste em perseguir o ego na paranoia, a ponto de aliená-lo da realidade, enquanto nos casos limites há um estado de servidão ao outro, que demanda atenção extrema, uma vez que há a impossibilidade do apagamento do objeto.

III.2.1 – Uma breve caracterização dos estados limites

A metapsicologia dos casos fronteiros tem como seu grande expoente André Green, que dedicou sua obra a esse estudo. A partir de singular releitura da obra freudiana, Green propõe uma compreensão acerca da constituição psíquica, baseada no

estudo das fronteiras psíquicas. A partir das contribuições de André Green faremos um recorte da situação clínica citada a fim investigar a questão da constituição das fronteiras psíquicas nos estados limites e as problemáticas narcísicas que assolam tal quadro clínico. Embora a temática seja bastante vasta e abordada de forma vivaz por diversos autores contemporâneos, nos contentaremos com essa breve descrição panorâmica a fim de embasar o contraponto com a paranoia, foco central de nossa pesquisa, que será abordado a seguir. Abordaremos os casos fronteiros a partir da contribuição de Andre Green a respeito da impossibilidade de apagamento do objeto, tematizado pelo autor como trabalho do negativo, e as falhas identificatórias que se evidenciam na porosidade das fronteiras psíquicas e nas respostas dirigidas ao outro.

Ilustraremos brevemente o que Andre Green tematizou como o trabalho do negativo na constituição psíquica, pois acreditamos que há importante confluência com o que viemos desenvolvendo a respeito da problemática da sombra do objeto e dos desdobramentos da relação com o objeto perdido. Julgamos que esse autor traz importantes contribuições a respeito da importância do trabalho de luto e da possibilidade de representação do objeto perdido, assim como seus desvios psicopatológicos quando há falhas nessas propriedades psíquicas. Nosso intuito é demonstrar que tanto nos estados limites como na paranoia há impossibilidade de apagamento do objeto perdido, mas que parte de falhas primárias distintas e desencadeia respostas ao outro singulares a cada um dos quadros clínicos.

O trabalho do negativo tem importante papel constitutivo no aparelho psíquico e em suas fronteiras inter e intrapsíquicas. Para o autor tal trabalho ocupa lugar central na constituição do psiquismo pela importância da negação e de outros mecanismos de defesa, assim como pela capacidade de lidar com a ausência do objeto e representá-la. Esse refinamento do aparelho psíquico é situado na obra freudiana na passagem entre o juízo de atribuição e o de realidade (Freud, 1911/2010) ou, para Green, de uma possibilidade de representar a ausência do objeto como presença em potencial (Garcia, 2010a, p.42). Veremos a seguir alguns aspectos concernentes a essa importante propriedade do aparelho psíquico, e de que forma a porosidade que permeia as fronteiras psíquicas dos estados limites denunciam falhas primárias no campo da negatização do objeto e de sua capacidade de representação.

André Green parte da apropriação das concepções freudianas sobre a estruturação do aparelho psíquico e sua capacidade de representar a ausência do objeto na realidade externa (objetiva) para postular o que intitulou “trabalho do negativo”.

Trata-se de um conjunto de operações psíquicas que implicam a problemática da resposta do objeto nas relações constitutivas do sim-não; porém, longe de adotar uma postura demasiadamente empírica presente na tradição inglesa pós-freudiana, Green destaca em sua obra a importância da dimensão pulsional na constituição psíquica.

A constatação de que o apelo é indispensável para que a necessidade seja atendida é fundamental para o rompimento de sentimento de inclusão totalizadora do eu e contribui para a formação de um primeiro limite interno/externo. É justamente esta formulação, reapropriada e ressignificada, que norteia o argumento de André Green sobre a constituição das fronteiras psíquicas, principalmente na sua discussão sobre o trabalho do negativo (Garcia, 2010a, p.33).

A respeito da singular nomenclatura que Green toma de empréstimo da filosofia hegeliana, Garcia ressalta as concepções originais que adquire no discurso psicanalítico. Não se trata apenas de uma referência ao recalco ou ao material latente na instância pré-consciente, mas também engloba o oposto antagônico e o nada nirvânico. “Nesse sentido, a negação como função lógica é expressão da ação do negativo como evento psíquico que, por sua vez, abarca manifestações tão diversas quanto o recalco, a forclusão e a função desobjetalizante” (Garcia, 2010a, p.39).

Claudia Garcia mostra que no artigo “O duplo limite” Green faz uma releitura do texto freudiano “A negativa” para discorrer sobre a importância do negativo na construção dos limites intra e interpsíquicos. “A fronteira dentro/fora, resultante de um primeiro movimento de excorporação, determinado pelo juízo de atribuição, se faz seguir pelo recalco como resposta àquilo que retorna do exterior e é responsável pela divisão Ics/Cs” (Garcia, 2010a, p.40). Dessa forma, será a partir da capacidade de alucinação negativa do seio que se constituirá um espaço psíquico habitado por representações, e o próprio mecanismo de negação, “representante do recalco no campo da linguagem” (Garcia, 2010a, p.40). Entendemos como excorporação:

A excorporação, na qual vejo o protótipo de um não do id sob as figuras do “Eu cuspo” ou “Eu vomito”, não supõe nenhum objeto no espaço que recolhe o que é expulso. [...] a identificação do espaço me parece prévia à dos objetos que ele poderia conter. [...] Só existiria a ideia – se podemos nos expressar assim – de uma expulsão o mais longe possível. Não é legítimo falar de um não-Eu nessa fase, porque o limite Eu-não-Eu não está estabelecido. O que permite estabelecê-lo são as consequências da expulsão. A expulsão do mau permite a criação de um espaço interno no qual o Eu como organização

pode nascer para a instauração de uma ordem fundada no estabelecimento de ligações relacionadas a experiências de satisfação. Essa organização facilita o reconhecimento do objeto em estado separado no espaço do não-Eu e o seu reencontro (Green, 1988/2010, p.292).

Claudia Garcia ainda nos mostra dois pressupostos sobre as formulações dos destinos do objeto primário em Green. O primeiro estaria associado à dimensão pulsional, não se restringindo apenas ao investimento no objeto, “mas também, e principalmente como função de negação realizada pelo trabalho do negativo, primordial no processo de apagamento do objeto absolutamente necessário” (Garcia, 2010b, p.41). Já o segundo pressuposto falaria da importância do ambiente, sua função continente e sua dimensão falível, não absoluta. Portanto, seria a capacidade do ambiente de suportar e acolher a ação da excorporação e resistir à sua retaliação, o que permitiria a construção da externalidade (Garcia, 2010b).

Claudia Garcia ainda ressalta que há um acento importante na contribuição de Green acerca do trabalho da pulsão e do ambiente em uma ação conjunta que possibilita que o psiquismo suporte a ausência do objeto primário. Trata-se do “[...] necessário esquecimento do objeto primário absolutamente necessário e as consequências daí decorrentes, indispensáveis ao funcionamento psíquico, dentre as quais a constituição das fronteiras psíquicas ocupa lugar de destaque” (Garcia, 2010b, p.42). A capacidade de alucinar negativamente o objeto é acompanhada pelo surgimento de uma gama de objetos substitutos, assim como de representações. Como veremos adiante, tal propriedade é falha nos estados limites, “que evidenciam, por outro lado, um desvio na função do objeto que, ao invés de se mostrar falível, se apresenta como absoluto e onipresente, indicando a insuficiência da função negativizante” (Garcia, 2010a, p.42).

Decio Gurfinkel faz importante síntese sobre o que Green propõe como caso fronteiro:

E o que se passa com os pacientes fronteiros? Em síntese, podemos dizer que o que neles fracassa é o processo de simbolização. A tentativa de separar (bom e mau, prazeroso e desprazeroso, *self* e objeto, dentro e fora, somático e psíquico, fantasia e realidade), que deveria gerar a divisão de fronteiras e conduzir ao movimento subsequente de reunião em um novo espaço psíquico, resulta em uma exclusão radical: a *dissociação*. Esta *divisão radical* se distingue da separação inerente à simbolização, descarta fatores indispensáveis ao trabalho de representação e produz a amputação do Eu. Não podendo dispor de um espaço potencial de re-união dos elementos separados, é

no abismo do vazio de sentido que o fronteiroço irá cair (Gurfinkel, 2013).

Garcia (2010b), por sua vez, discorre sobre a clínica do vazio como testemunha da falência constitutiva nos casos limites. Mostra-nos que há a onipresença do objeto primário que não pôde ser devidamente representado. Dessa forma, a separação entre o eu e o outro estaria ameaçada, porosa; a incapacidade de pensar, a constatação clínica de ataques ao enquadre e angústias de separação evidenciariam uma constituição psíquica precária (Garcia, 2010b). A autora também elucida que nos pacientes limítrofes há problemática intensa nos processos de recalçamento e da excorporação; forma-se então um buraco que não é integrado ao pensamento (Garcia, 2010b). As sensações de cabeça vazia, os “brancos” são manifestações clínicas comuns nesses casos, em que predomina um “vazio interno engolfante, sempre ameaçado de ser invadido pelo objeto intrusivo ou pelas pulsões fragilmente representadas [...]” (Garcia, 2010a, p.98).

É importante ressaltar também a problemática apontada por Gurfinkel acerca da perda-intrusão nas relações primárias da criança; haveria confusão nos processos de fusão-diferenciação, reação do bebê a uma atitude excessivamente fusional ou ausente. Nesses casos “ou alguma coisa será definitivamente excluída e extraviada, ou os elementos divididos serão uma ameaça constante, na forma de uma intrusão persecutória; a divisão resulta, aqui, na polaridade perda-intrusão” (Gurfinkel, 2013). Sobre a dissociação presente na esfera intrapsíquica dos fronteiroços, esclarece ainda o autor que neles haveria porosidade exacerbada do eu, acompanhada de sensibilidade extrema à intrusão do outro; por sua vez, a instância egoica se enrijeceria em uma tentativa de se proteger dessas invasões, “cujas fronteiras são sempre um escudo insuficiente e para quem a mobilidade das fronteiras constitui uma constante ameaça de perda de controle” (Gurfinkel, 2013).

Ainda sobre a problemática questão interioridade/exterioridade nos estados limites é importante ressaltar as contribuições de Cardoso (2010). De acordo com as suas elucidações “[...] nos estados limites, nos ‘funcionamentos limites’, a interioridade vê-se suplantada por uma tendência à exteriorização, justamente em função dos limites da capacidade de representação e de recalque” (Cardoso, 2010, p.83). Dessa forma, é possível observar a prevalência de atuações, por vezes extremas, nas patologias fronteiroças, uma vez que há falhas graves nos processos de representação, o que impossibilita o trabalho psíquico. A relação que estabelece com o outro é de servidão, uma vez que é passível de sumir a qualquer momento; nesses casos, perder o outro seria

perder a si mesmo, uma vez que o objeto primário não teria sido devidamente representado.

Gurfinkel destaca a falta de coesão do eu como peculiar a essa afecção psíquica. O autor comenta a metáfora greeniana do arquipélago composto por ilhas que não se comunicam; haveria apenas um espaço vazio, representante da não integração egoica. “Assim, dos processos dissociativos somos conduzidos ao *branco* do psíquico, e chegamos ao segundo aspecto que caracteriza o funcionamento do fronteiroço: para além da perda do objeto, trata-se mais radicalmente, da perda do sentido” (Gurfinkel, 2013). Por fim, o autor ainda realça sintomas característicos da patologia em questão que evidenciam a perda da capacidade de ligação do psiquismo: a dificuldade de representações e a dificuldade de pensar, que podem acarretar forte sentimento de inexistência, que denotam falha na área transicional na constituição egoica nos estados limites.

Após essa breve caracterização sobre a temática dos estados limites e as falhas narcísicas que são determinantes nas respostas dirigidas ao outro, partiremos para o contraponto dessas problemáticas com a psicose paranoide. Após sinalizarmos que nos casos fronteiroços também há toda uma gama de falhas na capacidade de representar a ausência do objeto perdido, faz-se necessária importante distinção com a paranoia que, conforme apontamos anteriormente, também nos apresenta a impossibilidade de estabelecimento de relação de confiança com o outro. Nesse sentido, encontramos uma chave de leitura importante no que diz respeito ao modo diverso como o paranoico lida com a realidade de acordo com o seu modelo identificatório, que por sua vez é distinto nos estados limites, como veremos a seguir.

III.2.2 – Alteridade e resposta ao outro na paranoia e nos estados limites

Conforme vimos anteriormente, a dificuldade no apagamento do objeto e os desdobramentos patológicos que a dificuldade no trabalho de luto assume nos estados limites aproximam-no de outros quadros psicopatológicos, como a melancolia e a paranoia. Exploramos anteriormente a distinção entre as falhas identificatórias que estão em jogo no psiquismo do melancólico e no do paranoico, assim como os desdobramentos que assumem na resposta ao outro. Porém, faz-se necessário estabelecer a diferenciação entre os mecanismos que prevalecem nos estados limites e na paranoia, uma vez que ambos apresentam problemática no âmbito narcísico.

Veremos a forma delirante com que o paranoico lida com a realidade através da projeção, fenômeno explorado por Freud ao falar da perda da realidade própria à psicose. Em contraste com a problemática psicótica, embora nos estados limites a relação com o outro possa assumir dimensão extrema, veremos que não há uma cisão radical quanto à realidade, com a prevalência do mecanismo de identificação projetiva (Santos, 2011).

Santos (2011) evidencia que o mecanismo de identificação projetiva denota um eixo fundamental no funcionamento-limite, a saber, a questão da passividade do ego frente ao outro. Por conta de um trauma que assume dimensão desestruturante há impossibilidade nos estados limites de que o par atividade/passividade coexista de forma harmônica, caracterizando uma abertura radical ao outro. Dessa forma, a identificação projetiva ocupa lugar importante na busca de si mesmo no outro, caracterizada pela fórmula “*a sombra do ego caiu sobre o objeto*” (Santos, 2011).

Diferentemente da paranoia, o ego nos estados limites não sucumbe totalmente à passividade, o que se evidencia no apelo ao corpo e ao ato. Há uma tentativa de contornar a posição passiva pulsional do ego através da atividade em relação ao outro, no reconhecimento de si no outro por meio de uma relação de submissão que é buscada no encontro com a alteridade. Dessa maneira, a sombra do ego recai sobre o objeto como tentativa precária de estabelecimento das fronteiras intrapsíquicas e intersubjetivas que se encontram porosas (Santos, 2011).

Portanto, a identificação projetiva ocupa lugar de destaque na dinâmica psíquica dos casos limites, pois denuncia a porosidade dos limites presente na relação com o objeto; ao mesmo tempo que não supõe a ausência total das fronteiras, como na paranoia, a identificação projetiva também permite que o ego assimile, mesmo que de forma precária, a alteridade.

Anteriormente, vimos que desde Freud a paranoia é caracterizada pelo mecanismo de projeção diante da alteridade, que por sua vez dá notícia da relação de tipo narcísico. O ego, impossibilitado de se diferenciar do outro, por não conseguir assimilá-lo via processos identificatórios, recorre à projeção. Por conta do radical rompimento com a realidade, o ego não é capaz de reconhecer o conteúdo da perseguição como proveniente do seu mundo interno; o outro permanece como um duplo idêntico ao próprio ego, que não consegue se reconhecer no olhar do perseguidor.

Desse modo, o delírio seria uma tentativa patológica de cura, ou seja, de restabelecimento da ligação com uma realidade compartilhada e de uma relação pacífica

com o outro. Conforme abordado por Freud em 1911 ao discorrer sobre o Caso Schreber, a saída delirante tenta reparar uma catástrofe interna que ocorre na paranoia que, por se tornar insuportável, é projetada para fora do psiquismo.

A produção delirante seria uma forma de o ego apaziguar algo de uma realidade externa vivenciada como insuportável pela construção concreta de uma nova realidade. Dessa forma, o delírio na psicose seria uma tentativa de "estar no mundo", ao contrário de uma posição negativista que outrora tratava o delírio como algo desprovido de sentido. De modo esquemático, podemos considerar que através da construção do delírio o ego do sujeito tenta acessar uma realidade antes não acessível por ser excessivamente traumática.

A questão da construção delirante e do rompimento com a realidade é retomada por Freud em dois pequenos textos a respeito da distinção entre a neurose e a psicose. O ponto central que nos interessa em ambos é a questão da perda da realidade na psicose e a construção delirante que a acompanha. Embora o contraponto estabelecido por Freud seja da psicose em relação à neurose, julgamos importante o aprofundamento nos mesmos, pois elucidam alguns aspectos fundamentais da psicose que nos são caros para o estudo que estamos desenvolvendo a respeito da paranoia. Desse modo, percorreremos brevemente as contribuições desses textos no intuito de assinalar o caráter radical que a cisão quanto à realidade assume na psicose paranoide, ao contrário de outras patologias.

Freud assinala de forma enfática que a problemática da psicose está na relação entre o ego e a realidade externa, ao contrário da neurose, em que o conflito se daria entre o ego e o isso. Dessa maneira, é importante ressaltar que o autor faz clara distinção entre o conflito neurótico abordado em sua obra e a questão psicótica, que opera em uma lógica distinta. "[...] a neurose é o resultado de um conflito entre o eu e o isso, enquanto a psicose é o desenlace análogo de uma similar perturbação nos vínculos entre o eu e o mundo externo" (Freud, 1924[1923]/2011. Tradução nossa).

O quadro conhecido como amênia de Meynert é tomado como exemplo por Freud, o qual descreve como "a confusão alucinatória aguda, talvez a forma mais extrema e impressionante da psicose". Em tais casos o sujeito não percebe de maneira alguma o mundo externo ou mesmo, se o faz, tal percepção não é eficaz (representação). Freud ainda destaca que na amênia não há somente uma recusa na admissão de novas percepções.

(...) dois fatos indubitáveis: que esse novo mundo se edifica no sentido das moções do desejo do isso, e que o motivo dessa ruptura com o mundo exterior foi uma grave frustração [denegação] de um desejo por parte da realidade, uma frustração que pareceu insuportável (Freud, 1924[1923]/2011, p.156-7. Tradução nossa.).

Portanto, Freud descreve de que forma na psicose a intolerância do ego às frustrações do mundo externo faz com que o psiquismo rompa com este. É interessante ressaltar que tal fato já havia sido mencionado pelo autor no rascunho destinado à paranoia, abordado no primeiro capítulo do presente trabalho, em que discorre a respeito de suposta intolerância do ego na paranoia quanto a lidar com certas percepções da realidade.

Em “A perda de realidade na neurose e na psicose” (1924/2011), Freud novamente traz a temática da distinção entre os dois quadros clínicos para discutir a questão de como a realidade é apreendida de forma distinta em cada um. Ao introduzir seu trabalho, ressalta que anteriormente havia escrito que a perda da realidade estaria ao lado da psicose, enquanto a neurose simplesmente a evitaria. Porém, ressalta que “... cada neurose perturba de algum modo o nexo do enfermo com a realidade, é para ele um meio de retirar-se desta e, em suas formas mais graves, implica diretamente uma fuga da realidade” (Freud, 1924/2011, p.193. Tradução nossa.).

No trabalho citado anteriormente Freud explica sobre a gênese da psicose: ao estabelecer um processo análogo ao que acontece na neurose, explica em dois momentos o que ocorre na psicose. No primeiro o eu seria arrancado da realidade e no segundo haveria tentativa de restabelecer contato com a realidade. Dessa forma, na psicose há uma tentativa de compensar a perda da realidade “[...] por outro caminho mais soberano: pela criação de uma nova realidade, que já não oferece o mesmo motivo de escândalo que a abandonada” (Freud, 1924/2011, p.193-4. Tradução nossa.).

Freud ainda faz importante distinção entre neurose e psicose. A primeira evita a realidade através de uma fuga. Como sujeito marcado pelo recalque, o neurótico conta com recursos fantasmáticos para lidar com as frustrações. Já na segunda a realidade é desmentida e reconstruída; em um primeiro momento o eu seria arrancado da realidade e, posteriormente, tentaria retomar o vínculo com ela através de uma reconstrução, a alucinação verbal ou delírio (Freud, 1924/2011).

A partir das contribuições teóricas freudianas é possível compreender que na psicose há um mecanismo radical de defesa, distinto do que acontece na neurose com o recalque (*Verdrängung*). Com a reconstrução de uma realidade, o eu do sujeito psicótico

rejeita uma representação que não condiz com seu afeto; tal mecanismo, nomeado *Verwerfung* por Freud é traduzido posteriormente por Lacan como forclusão (Lacan, 1957-58/1998).

É possível acompanhar bem cedo em Freud elaborações acerca de um mecanismo radical em certos casos. No texto “As neuropsicoses de defesa” (1950 [1895]/2010, p.49) o autor indaga sobre certos casos que gozavam de saúde psíquica até se confrontarem com um caso de incompatibilidade em sua vida de representações. Trata-se de um afeto que é sentido pelo eu do sujeito como extremamente penoso; a saída encontrada seria o esquecimento, pois não haveria recursos na instância do eu para resolver tal impasse pela via do pensamento.

Porém, ainda no mesmo texto Freud mostra que há um mecanismo de defesa muito mais bem-sucedido do que o mostrado anteriormente, em que haveria um divórcio entre representação e afeto. Trata-se de uma rejeição da representação incompatível e seu afeto; para o eu, essa representação jamais haveria ocorrido.

A rejeição dessa representação incompatível traz algumas graves consequências destacadas por Freud. Em seus termos:

O fato sobre o qual gostaria de chamar a atenção é que o conteúdo de uma psicose alucinatória como esta consiste justamente em realçar aquela representação da qual sobreveio a enfermidade. Assim, é lícito dizer que o eu se defendeu da representação insuportável mediante a fuga para a psicose (Freud, 1894/2010, p.60. Tradução nossa.).

Dessa forma, o eu se cinde para afastar a representação incompatível. Entretanto, esta está inevitavelmente ligada a uma parcela da própria realidade objetiva. O que ocorre então é que o eu, ao romper com a problemática representação o faz também, em parte ou totalmente, com a realidade objetiva. Tal fato é condição para que as representações possuam colorido alucinatório. Sendo assim, se esse mecanismo é bem-sucedido “a pessoa cai em uma confusão alucinatória” (Freud, 1894/2010, p.60. Tradução nossa.).

Portanto, vimos a partir desse pequeno recorte sobre a constituição psíquica na psicose que há um mecanismo extremo diferente do recalque em ação: a forclusão. O sujeito psicótico se cinde ao romper com a realidade externa, não passível de ser representada pelo eu por ser excessivamente traumática. Posteriormente, há uma tentativa de compensar a perda da realidade a partir da construção do delírio, de uma neorrealidade em uma tentativa de “estar no mundo”. Dessa forma seria possível inferir

que na psicose, por conta de falhas na constituição do eu haveria confusão que, por vezes, beira a indiferenciação nos limites entre interno e externo. Como podemos observar a partir dos textos freudianos, na psicose haveria grande dificuldade por parte do ego para representar a realidade externa, o que, no caso da paranoia, desemboca no apelo à projeção patológica.

Vimos então que na paranoia a prevalência do mecanismo de projeção é acompanhada pela separação radical da realidade. Em função disto, o delírio é uma forma de reconstrução de uma catástrofe intrapsíquica e de tentativa de ligação ao outro, que, por sua vez, assume caráter persecutório por conta da grave indiferenciação presente, oriunda da cristalização da identificação de tipo narcísica. E nos estados limites? Qual seria a modalidade identificatória que prevalece, desencadeada pelas respostas patológicas ao outro?

A relação que se estabelece entre o eu e o outro nos estados limites é distinta da radicalidade presente na paranoia. Conforme assinala Cardoso (2010), enquanto a paranoia é caracterizada pela projeção frente à ameaça de irrupção de uma alteridade radical interna, que pressupõe uma perda da realidade, tal prejuízo não se apresenta nos funcionamentos limites. O delírio, que seria uma construção egoica na tentativa de resgatar o elo com a realidade não se apresenta para os estados limites; nestes não haveria indiferenciação com o outro, mas sim uma abertura desesperada a esse outro. (Cardoso, 2010, p.87).

Os objetos nos estados limites são incertos, pois não há segurança de que o objeto sobreviverá aos ataques do sujeito. A problemática nos estados limites estaria centrada na questão da impossibilidade da perda do outro, que seria encarada como uma perda de si mesmo, uma vez que o objeto continua exercendo poder sobre o ego. Nesse sentido, o apelo ao mecanismo de identificação projetiva seria uma tentativa de busca de si mesmo no outro. Porém, diferentemente da psicose, nos estados limites, embora haja o estabelecimento de uma relação de servidão por conta do poder que o outro assume perante a passividade do ego, não há indiferenciação entre o eu e o outro ou mesmo uma cisão radical com a realidade, como ocorre na paranoia (Cardoso, 2010).

Conforme sinalizamos, embora as duas problemáticas apresentem falhas que remetem ao narcisismo primário e, conseqüentemente, à formação do ego, é preciso notar que a modalidade identificatória que predomina nas situações-limite é a identificação projetiva, ao contrário da indiferenciação narcísica que desencadeia o mecanismo de projeção em sua dimensão patológica na paranoia. Tal como nos mostra

Figueiredo (2008), por conta da insuficiência da atuação do recalque nos estados limites a identificação projetiva sobressai como mecanismo de diferenciação entre o eu e o outro. Dessa forma, o psiquismo do fronteiroço permanece poroso, fixado a um momento em que as fronteiras egoicas não estariam bem definidas.

Por sua vez, o que ocorre na paranoia é distinto, uma vez que a diferenciação constitutiva entre o eu e o outro não ocorre, conforme apontamos no texto freudiano. O rompimento com a realidade faz com que o paranoico não se reconheça no outro e não tolere nenhuma forma de diferenciação entre o eu e o outro. A identificação narcísica, predominante em sua dimensão fusional, engolfa o psiquismo do paranoico, que recorre à projeção em uma tentativa de se desvencilhar dessa alteridade estranha a ele. Por conta de radical impossibilidade de assimilar o objeto perdido, o conteúdo projetado perpetua a ameaça da diferença, agora externa. Dessa forma, o ego do paranoico distorce a realidade a partir do delírio, em uma tentativa última de atribuição de sentido a uma alteridade vivenciada como hostil e persecutória.

É importante ressaltar que concordamos com o posicionamento que distingue os mecanismos de projeção e identificação projetiva. Como nos mostra Gibeault (2000) a projeção diz respeito a um material que é colocado para fora do psiquismo e atribuído a um objeto externo e que, para o paranoico, não possui ligação nenhuma com a sua dimensão intrapsíquica. “Desse ponto de vista, a projeção bem-sucedida supõe a recusa de toda identificação com a parte denegada (ou recalçada) e projetada” (Gibeault, 2000, p.742. Tradução nossa.).

O desejo de “fazer um” com o objeto e de retomar em si mesmo o que outrora haveria sido projetado é marcante nessa modalidade de identificação, fato ausente na projeção. O caráter estrangeiro que o conteúdo projetado assume é distinto; ao tempo em que o paranoico é assombrado pela sombra do objeto perdido, não reconhecido como semelhante, mas sim como um estrangeiro ameaçador, nos estados limites a identificação projetiva atua como uma tentativa de se sobrepor à passividade imposta pela porosidade constitutiva do ego. Dessa forma, diferentemente dos estados limites, na paranoia a dimensão identificatória emperra na relação dual, que impossibilita o processo de diferenciação entre o eu e o outro. Enquanto o paciente limite é assombrado pela desconfiança na permanência/ausência do objeto, o paranoico sequer estabelece qualquer forma de relação amistosa com o mesmo, ou uma relação de não confiança. Se nos estados limites a realidade é frágil, assim como as fronteiras entre o eu e o outro, na

paranoia elas não foram estabelecidas durante a constituição psíquica, o que promove desconexão radical da realidade pelo não reconhecimento da alteridade.

Por fim, na paranoia não há a possibilidade de se instaurar qualquer tipo de diferenciação entre o ego e o outro. O paranoico não experimenta o outro em sua modalidade de um duplo semelhante, constitutivo do aparelho psíquico. O que prevalece é o caráter de radical estranheza, que coloca em risco a existência do ego por conta do aprisionamento em uma relação fusional com o outro. A projeção atua como uma tentativa dramática de colocar para fora do psiquismo qualquer forma de alteridade inquietante, mas que retorna como uma ameaça externa por conta da impossibilidade de assimilação do duplo como semelhante.

Considerações Finais

Buscamos investigar no presente trabalho a singularidade do funcionamento psíquico que estaria na base da patologia da paranoia, com o intuito de melhor compreender de que ordem seriam as falhas identificatórias que, em grande parte, determinam o tipo de relação estabelecida pelo sujeito com o objeto externo, vivido como um perseguidor. Analisamos o que fundamentaria a resposta defensiva própria à paranoia, resposta acionada pelo ego frente a uma alteridade interna inassimilável.

Elegemos a problemática do narcisismo como eixo central de nossa pesquisa levando em conta, dentre outros aspectos, que na literatura psicanalítica contemporânea a reflexão sobre essa dimensão aparece predominantemente voltada para o campo dos estados limites, tendo em vista o funcionamento psíquico próprio a essas situações clínicas que se revelam como uma problemática eminentemente narcísica.

Investigando a paranoia a partir da vertente do narcisismo e da identificação, dando ênfase, portanto, à dimensão da relação eu/outro, encontramos-nos frente a uma gama de questões bastante complexas uma vez que, como tivemos oportunidade de indicar, os estados limites também apresentam importantes falhas narcísicas, o que nos remete necessariamente à dimensão de alteridade e à questão da precariedade no âmbito da constituição narcísica e daquela que sustenta a formação dos espaços fronteiros que marcam, ou melhor, que estariam a serviço da delimitação entre ego e objeto.

Após situarmos a temática da paranoia no pensamento freudiano, viemos a traçar certos contrapontos entre estados limites e paranoia e, de modo complementar, entre esse quadro psicopatológico e a melancolia, levando em conta a presença de certo núcleo comum entre essas distintas afecções psíquicas, tentando, a partir dessa estratégia metodológica, apreender a especificidade da paranoia quanto a esses aspectos.

No que concerne às proposições de Freud, estágio inicial de nossa investigação, verificamos que desde muito cedo ele havia sublinhado o caráter disruptivo que a sexualidade advinda do outro assume na paranoia. Ao longo de todo o seu percurso, Freud concedeu papel central ao mecanismo de projeção nessa patologia, embora ainda se amparasse na teoria da sedução.

Nosso intuito nessa etapa da pesquisa foi sublinhar de que forma a paranoia já se fazia presente na construção da teoria psicanalítica vinculada, de certo modo, à

problemática da relação eu/outro. A teorização proposta por Freud evidenciava, conforme indicamos acima, o peso da sexualidade como fator etiológico essencial. Nesse momento de caráter mais inicial da obra de Freud, a tese central sobre o que estaria na base da paranoia se encontra amparada na *neurotica*, estando sob a égide da autocensura, em que o conteúdo intolerável no ego seria projetado para fora numa tentativa de manter à distância a experiência desprazerosa.

Acompanhando o desenvolvimento do pensamento de Freud sobre o tema em questão, tivemos oportunidade de revisitar brevemente o material relativo ao conhecido “Caso Schreber”, em defesa da hipótese da homossexualidade, marco de importante mudança operada na compreensão de Freud acerca da paranoia. Houve nesse período uma significativa mudança de paradigma, pois o modelo da autocensura foi abandonado em prol da tese de um desejo homossexual recalcado. A homossexualidade é suposta por Freud como o cerne dos desdobramentos da patologia de Schreber, assim como é considerada como elemento desencadeador da trama persecutória por ele desenvolvida, elemento-chave, portanto, nas construções delirantes que seu psiquismo vem a criar e cujo móvel é um processo de feminilização.

Este processo, como construção delirante de uma condição corporal que se torna, desse modo, subjetivamente suportável frente à ameaça advinda do outro, constitui importante contribuição a respeito da tentativa de lidar com uma alteridade interna inassimilável. Diante da vivência do encontro com o outro, percebido como objeto perseguidor, o qual violentaria o corpo e o pensamento, Schreber recorre ao delírio de feminilização para lidar, dentre outros aspectos, com o impasse identificatório relacionado, em primeiro lugar, à figura materna.

Esta seria uma tentativa de tornar pensável e representável a ameaça de engolfamento de seu psiquismo por esse outro materno, sede do sistema interpretativo de Schreber. A identificação primária teria falhado, uma vez que a homossexualidade na paranoia, distinta daquela descrita a respeito de Leonardo da Vinci, diz respeito ao não estabelecimento de uma alteridade e a um aprisionamento nessa relação com o objeto primário. Portanto, vimos que a causalidade atribuída à homossexualidade precisaria ser repensada, posto que o cerne da paranoia não residiria numa fantasia homossexual recalcada, mas sim no fracasso de assimilação de um outro primário, como semelhante.

Investigamos outro aspecto crucial na compreensão da patologia da paranoia, a saber, a questão do ódio, que permeia, neste caso, a relação com o objeto, marca significativa na construção delirante. O ódio está diretamente associado a um

sentimento amoroso anterior, e a reversão do amor em ódio denota, como procuramos mostrar, um tropeço significativo no reconhecimento pelo sujeito da alteridade do outro. Nesse sentido, à luz da contribuição de alguns autores, em especial de Piera Aulagnier, vimos que haveria uma dimensão externa ao ódio, que precederia a própria existência do sujeito paranoico, o qual teria “representado” a cena primária de forma caótica e destrutiva. O ódio do casal parental ocuparia, no nosso entender, um papel determinante nas falhas básicas próprias à constituição do psiquismo na paranoia, e que se expressa, por exemplo, no caráter radical de sua posição de passividade frente à existência do outro.

O modelo da cena primária e da identificação narcísica regressiva à mãe foi também objeto de nossa análise, como elemento relevante no funcionamento psíquico na paranoia. A prevalência da identificação narcísica por conta de falhas no eixo primário vem aprisionar o sujeito no campo dual, tornando precária a sua diferenciação em relação ao outro materno. Essa dificuldade especial em assimilar o outro através do processo de identificação primária não permite que o ego desempenhe sua função historiadora, dada a insuficiência do discurso parental a respeito da existência do psiquismo do sujeito. Isto acarreta um enquistamento do pensamento delirante primário e o acionamento de respostas defensivas calcadas no ódio, recurso extremo, funcionando como tentativa de atribuição de sentido à própria existência.

A questão das falhas identificatórias na emergência da resposta paranoica, cuja incidência prioritária reside no registro primário, concernente à constituição do ego, nos levou a revisitar a teoria do narcisismo e a identificação narcísica, no intuito de melhor compreendermos o papel dessa dimensão no processo de adoecimento psíquico nessa patologia. Prosseguimos com o estudo da identificação narcísica a partir de “Luto e melancolia” considerando que nesse texto a análise desse essencial processo promove aprofundamento das contribuições de Freud em 1914, dedicadas à conceituação do narcisismo.

A melancolia constitui um novo paradigma teórico para que a questão da escolha narcísica objetual seja repensada tendo como fundamento o modelo da identificação narcísica, a qual implicaria a indiferenciação patológica entre o eu e o outro. A questão da identificação é colocada mais uma vez no cerne dos processos de integração egoica; assim, a falha na assimilação da alteridade vem assumir aqui caráter patológico. A célebre declaração de Freud de um eclipse do ego pelo objeto que tem lugar na melancolia nos levou a nos interrogar, a partir da questão da alteridade no processo de

constituição psíquica, sobre qual seria o destino da *sombra do objeto* também e, particularmente, na paranoia, uma vez que esta patologia apresenta indubitavelmente uma problemática radical no plano da diferenciação entre o eu e o outro.

A questão da sombra inassimilável do objeto nos conduziu ao estudo da noção de duplo, trabalhada por Freud em 1919 em “O estranho”. Assim como no estudo dedicado à melancolia, vimos que as contribuições abordadas por Freud nesse texto são da maior riqueza numa investigação sobre a paranoia já que dizem respeito à questão da alteridade na constituição narcísica. Em sua vertente psicopatológica, o duplo remetaria o psiquismo a uma regressão a um estado arcaico, tendendo a permanecer na condição indiferenciada, o que aponta para o caráter mortífero e demoníaco que o outro interno pode assumir em casos extremos, tal como na paranoia.

Exploramos a produção teórica de certos autores que vieram ampliar a noção de duplo na psicanálise, tendo tentado aprofundar os estudos sobre o tema, em particular ao que se refere a seu caráter paradoxal, posto que ao mesmo tempo em que a questão do duplo é relativa à instauração de uma primeira forma de alteridade, o duplo precisa, para tal, ser reconhecido como semelhante. O duplo adquire caráter transicional, posto que permite que o psiquismo instaure uma reflexividade interna a partir da função de espelho exercida pelo objeto externo, função a ser posteriormente internalizada.

Para dar seguimento à nossa reflexão sobre o papel do duplo perseguidor na paranoia, tendo como pano de fundo o estabelecimento de um contraponto com outras patologias de tipo narcísico, mostramos que o modelo melancólico, conforme postulado por Freud em 1917, aponta para a questão da insistência, no mundo interno, de uma “sombra inassimilável do outro”, aspecto fundamental na melancolia, mas que se revela presente em outros quadros psicopatológicos, mesmo que sob outras modalidades ou destinos defensivos.

Nossa visada foi precisamente a de procurar delimitar qual seria a especificidade da “sombra” do outro no quadro clínico da paranoia, isso que advindo do objeto, persiste, no mundo interno, na condição de inassimilável no espaço psíquico, assombrando-o. Na paranoia, há um desdobramento especial dessa situação interna, seu destino maior, que se dá por meio da projeção, acionando o delírio de perseguição, em última instância, um duplo perseguidor.

Procuramos ampliar a compreensão sobre as respostas radicais na paranoia, ancoradas no mecanismo de projeção no mundo externo, respostas oriundas, em primeiro lugar, de graves falhas no processo de constituição egoica, e que se atualizam

incessantemente no campo da relação que o sujeito vem a estabelecer com o objeto externo. O outro interno não é passível de ser assimilado como um duplo semelhante, perdendo, desse modo, seu caráter transicional. Isto vem impossibilitar a capacidade de reflexividade interna, operação fundamental para que se instaure uma efetiva diferenciação entre o eu e o outro.

Na paranoia, o “duplo” teria permanecido enquistado em sua dimensão demoníaca, mortífera, arremessando o ego a uma regressão a uma situação que estaria aquém desse processo de diferenciação. A “saída” encontrada pelo psiquismo para lidar com a alteridade interna ameaçadora, ou seja, o destino da “sombra do outro” na paranoia se dá pelo mecanismo de projeção, em sua dimensão patológica. Por conta da impossibilidade de assimilação e reconhecimento de uma efetiva diferença, o duplo, a face mortífera do outro, é assim ejetada, mas persiste como elemento perseguidor implacável, mas agora atacando a partir de fora. Como nos mostrou Schreber há mais de cem anos, o delírio está a serviço da atribuição de sentido a uma experiência persecutória interna que, a todo instante, ameaça destruir a existência egoica.

Referências Bibliográficas

- Aulagnier, P. (1984a/1989) Historiadores em busca de provas. Em: *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Editora Escuta, 1989.
- _____. (1984b/1989) Um discurso no lugar do “*infans*”. Em: *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Editora Escuta, 1989.
- _____. (1984c/1989) O conceito de potencialidade e o efeito de encontro. Em: *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Editora Escuta, 1989.
- Cardoso, M. R. A impossível “perda” do outro nos estados limites: explorando as noções de limite e alteridade. Em: Garcia, C. A. & Cardoso, M. R. *Entre o Eu e o Outro: Espaços fronteiros*. Curitiba: Juruá, 2010.
- Dennis, P. Ce qui a été perdu à l’intérieur est appréhendé à l’extérieur. *Revue française de psychanalyse*, 2011/3, Vol. 75, p. 755-759.
- Enriquez, M. *Nas encruzilhadas do ódio: paranoia, masoquismo, apatia*. São Paulo: Escuta, 1999.
- Férenczi, S. (1928) Elasticidade da técnica psicanalítica Em: *Obras completas de Sándor Férenczi*, vol. IV. São Paulo: WMF Fontes, 2011.
- Figueiredo, L. C. (2008) *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Florence, J. (1987) As identificações. Em: Manonni, M. et al. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- Freud, S. (1950 [1895]) Las neuropsicosis de defensa. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1895) Manuscrito H. Paranoia Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1896) Manuscrito K. Las neurosis de defensa (Um cuento de Navidad). Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1899) Carta a Fliess 125. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1905) Tres ensayos de teoria sexual. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1910) Um recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1911) Sobre un caso de paranoia descrito autobiograficamente. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1914) Introducción del narcisismo. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1915) Un caso de paranoia que contradije la teoría psicoanalítica. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.

- _____ (1917 [1915]) Duelo y melancolia. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____. (1917 [1915]) *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- _____ (1919) Lo ominoso. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
- _____ (1924 [1923]) Neurosis y Psicosis. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.
- _____ (1924) La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.
- Garcia, C. A. (2010a) Continuidade e ruptura no processo de constituição psíquica. Em: Garcia, C. A. & Cardoso, M. R. *Entre o Eu e o Outro: Espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010.
- _____ (2010b) Os estados limites e o trabalho do negativo: uma contribuição de A. Green para a clínica contemporânea. Em: Garcia, C. A. & Cardoso, M. R. *Entre o Eu e o Outro: Espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010.
- Garcia-Roza, L. A. (1995) *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- Gibeault, A. (2000) “De la projection et de l’identification projective”. *Revue française de psychanalyse*. Tome LXIV. Juillet-Septembre. Paris: PUF, p. 723-742.
- Green, A. (1988) Seminário sobre o trabalho do negativo. Em: _____ *O trabalho do negativo*, Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Gurfinkel, D. A psicanálise dos fronteiriços: André Green entre Freud e Winnicott. Em: *Revista Percurso* 49/50 André Green, disponível em http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1008&ori=edicao&id_edicao=49.
- Hoffman, E. T. A. (2007) O homem de areia. Em: Tavares, B. (org.) *Freud e o estranho: contos fantásticos do inconsciente*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p.234-265.
- Jung & Roussillon, L’identité et le double transitionnel. Em: *Revue française de psychanalyse*, 2013/4, Vol.77, p.1042-1054.
- Klein, M. (1935) Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. Em : _____ *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- Lacan, J. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu: tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. Em: _____ *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____ (1959 [1957-58]) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. Em: _____ *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (1982) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Mijolla-Mellor, S. *Penser la psychose: une lecture de l’oeuvre de Piera Aulagnier*. Paris: Dunod, 1998.

- Neau, F. Le narcissisme: histoire et définition du concept. Em: _____ *Narcissisme et perversion*. Paris: Dunod, 2004.
- Rosolato, G. (1969) Paranoia y escena orginal. Em: *Ensayos sobre lo simbólico*. Barcelona: Anagrama.
- _____ (1978) El eje narcisístico de las depresiones. Em: _____ *La relacion de desconocido*. Barcelona: Petrelediciones, 1981.
- Roussillon, R. (2014) Narcissisme et complexification. *Revue française de psychanalyse*, 2014/1 vol.78, p.68-82.
- Santos, L. R. F. (2011) *A problemática da identificação nos estados limites: uma "falta de ser"?* Dissertação de Mestrado. UFRJ, Instituto de Psicologia, Programa de pós-graduação em Teoria Psicanalítica.
- Tarelho, L.C. (1999) *Paranoia et théorie de la séduction généralisée*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Violante, M. (2001) *Piera Aulagnier: uma contribuição contemporânea à obra de Freud*. São Paulo: Via Lettera.
- Winnicott, D. W. (1971). O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. Em: _____ *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.